



FALO

ano VI . # 29

RODRIGO KUPFER

ALEJANDRO ZENHA

PATRICK ANGUS

CARMINE SANTANIELLO

CARLOS CABALLERO

O FALO FREUDIANO

FALO® é uma publicação bimestral.
setembro 2023.
ISSN 2675-018X
versão 15.09.23

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Constelação*, arte especial com pinturas feitas
entre 2020 e 2022, de Rodrigo Kupfer.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usa-
das nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRA AQUI

COLAB55

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



Sumário

RODRIGO KUPFER

8

ALEJANDRO ZENHA

18

FALO DE HISTÓRIA
Patrick Angus

38

FALO em FOCO
Carmine Santaniello

56

FALÓFORO

64

ESPECIAL
Entrevista com Carlos Caballero

68

FALORRAGIA
Em torno do Falo Freudiano

80

CONTOS DO FALO
Aula de conversação

90

CRÔNICA FÁLICA
Fotogozografia

92

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

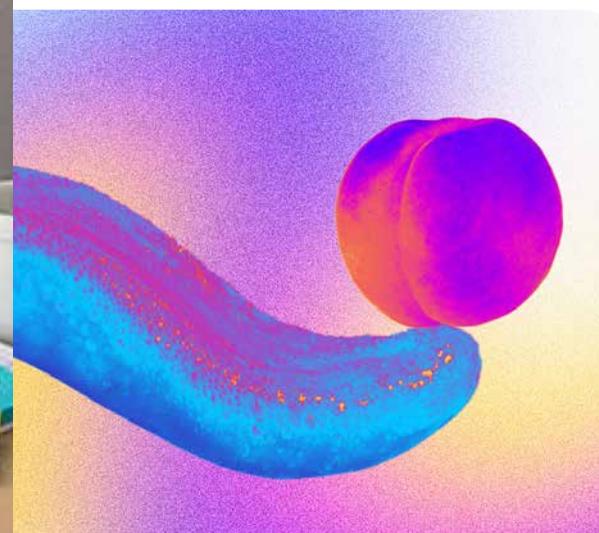
94

FALO com VOCÊ

96

moNUmento

99



O que é sexo para você? Essa pergunta que o psicólogo e sexólogo Rigle Guimarães nos faz em sua coluna *Falo com Você*, vale para toda essa edição. Desde os artistas aos artigos, das charges aos contos, a ideia é nos questionar sobre o nosso desejo e sobre a nossa relação com o desejo do outro.

Logo na capa já temos inúmeros personagens de mangá, anime e de animações da década de 1980 e 1990 que fazem a gente dar conta do quanto somos invadidos por uma cultura de super-heróis extremamente erotizada e cheia de estereótipos corporais e de comportamento. Depois temos fotografias que começam buscando as conexões entre homem e ambiente e chegam às conexões hierárquicas dos fetiches, ecoando com as colagens da seção *Falo em Foco*. Na história da Arte, vemos as representações do desejo de uma época dura para a comunidade gay.

A poesia lúdica na coluna *Falóforo* se encaixa bem na foto de ponta cabeça, porque é assim que essa edição quer que você fique quando ler a entrevista com um ator pornô que se tornou diretor. Algumas importantes revelações foram feitas sobre o que tem na frente e atrás das câmeras, sobre o lado humano da indústria.

Aí a revista te pega de jeito... quando você já está questionando tudo, tudo, tudo, com fumacinha saindo da cabeça, vem um artigo que te apresenta conceitos psicanalíticos freudianos e te leva para sua infância, para seus desejos primevos, para suas relações familiares. Você de repente se dá conta que *Falo* não é só uma revista, muito menos só um pênis. Até o Superman da charge do Adão resolveu ir pro divã!



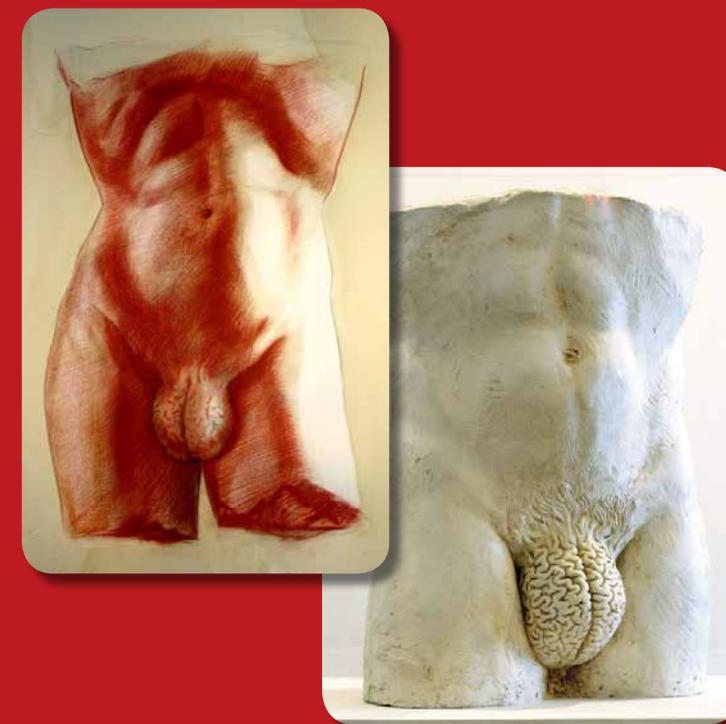
Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Não pense que acabou: além do moNUmento, da charge do Marlon e de mais um conto acertado do Jozias, temos um novo espaço para crônicas! Aqui a literatura em prosa e verso também é Arte!

Então, se prepare para ter as suas cabeças viradas! (isso serve para pessoas com pinto e pessoas com clitóris!)

Filipe Chagas
criador e editor



Racional, escultura em bronze de Yoon Kwon (2004 a 2007). Acima, estudo em sanguínea e aquarela e modelo em gesso (ambos de 2004). O artista diz que “essa escultura incorpora a dicotomia entre prazer e medo, pensamento e desejo, razão e instinto”.

Em comemoração
aos **5 anos** da Falô:



Tiragem única, limitada, assinada e numerada!

A primeira edição (março/2018)
foi **IMPRESSA** com
algumas novidades.

Mande e-mail para
falonart@gmail.com
e saiba como adquirí-la.



Rodrigo Kupfer

por Filipe Chagas

Aos seis anos, **Rodrigo Kupfer** venceu um concurso de desenho de uma rede de lanches e foi parar na Disney. Podemos dizer que tudo mudou a partir daí. Na adolescência, copiava os heróis dos desenhos animados (“adoraria ter um original daqueles acetatos antigos pintados à mão”). Anos depois, estudou publicidade e gestão de turismo, mas a fantasia já o havia fisgado.

Em 2019, perguntado se era um artista, percebeu que a Arte era somente um hobby naquele momento da sua vida, já que ganhava dinheiro com outras atividades. Porém, era quando criava que ficava sinceramente satisfeito. Veio a pandemia e, ao reavaliar tudo que estava fazendo (“sem tempo pra surtar!”), finalmente despertou: começou a pintar, criou uma marca de roupas com seu próprio nome, se entendeu com seu próprio caos e se assumiu como artista.

Quebrei a casca que tinha. Coisas que jamais havia imaginado saíram de lugares tão desconfortáveis de dentro de mim... Isso é complexo, mas soaram bonitas e gosto de olhar pra elas. Eu sei o que há lá dentro.

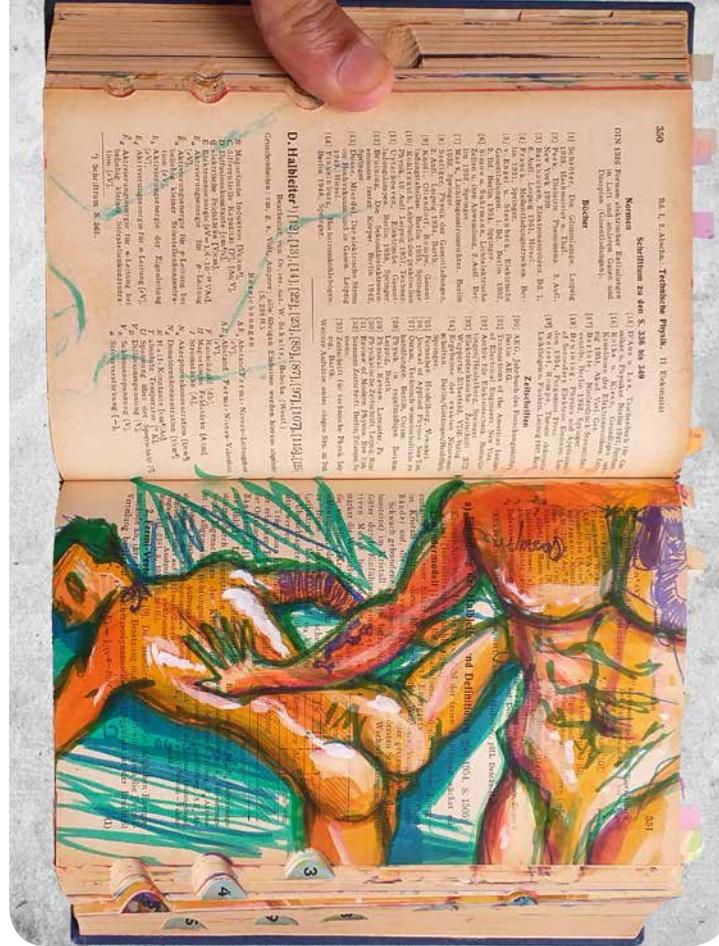


Camisa Bunihiro.

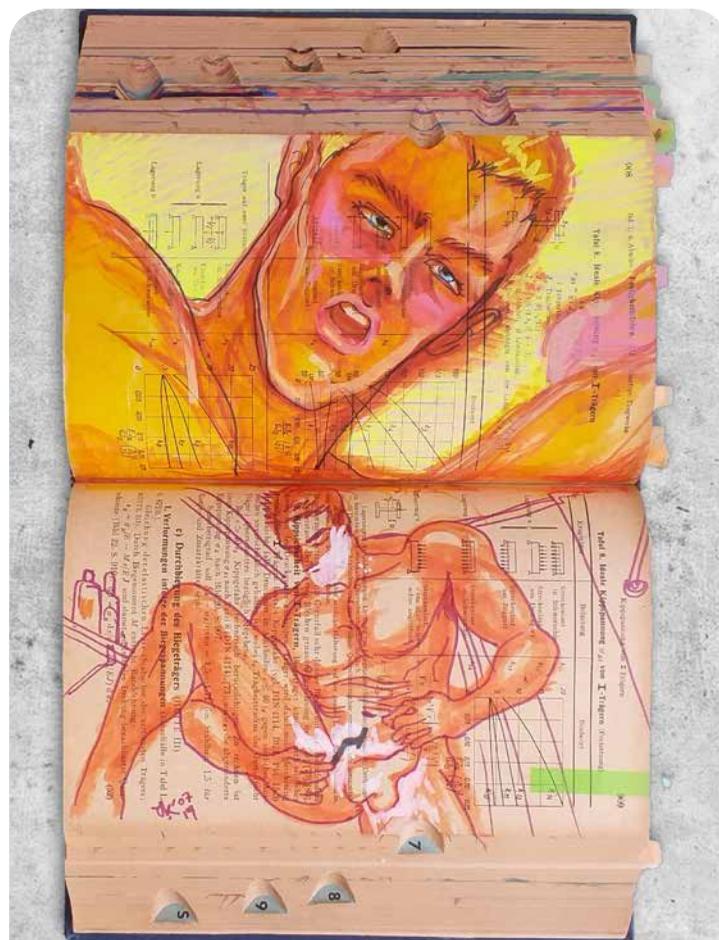


Self, acrílica, marcador e pastel em papel, 2019.





Páginas do Kupfer Book, em andamento.



Autodidata, nascido e criado em São Paulo, experimenta tudo que seu desejo criativo precisa: absorve as cenas da cidade como parâmetro; usa materiais distintos, que vão da tinta acrílica à colagem; joga com o analógico e digital (“sou mais emocional quando trabalho manualmente, e mais objetivo no digital”); se aprofunda na moda e na fotografia. Diz que, às vezes, idealiza seduzir as pessoas; em outras vezes, só quer conversar telepaticamente com elas.

Encantado pela anatomia humana, Rodrigo se impressiona pelas inúmeras possibilidades de pose que um corpo oferece. O torso, os braços, as mãos, são para o artista fundamentais para dar movimento, dinamismo e expressividade. Como homem gay, os corpos torneados dos heróis sempre foram uma referência (e são factualmente uma construção de um padrão estético social). A nudez entra em seu trabalho não exatamente como uma preferência, mas sim como uma proposta artística provocadora. Compreende que seu trabalho com a imagem masculina conversa muito com o desejo e a repulsa das pessoas – especialmente, suas ilustrações sensuais de personagens conhecidos dos desenhos animados da década de 1980 (Thundercats, He-Man etc) e de animes e mangás (Cavaleiros do Zodíaco, Naruto etc.).



Yaoi, arte em tecido, 2020.

Entrem e fiquem a vontade. No fundo, todo mundo gosta.

Eu penso: “como seria o pênis daquele personagem?”. E, quando eu mostro, isso causa um choque no público. Uns surtam de felicidade, outros de ódio real! A minha bellissima série de lambes com personagens pintados à mão com acrílica e esmalte costuma ser destruída por quem tem pavor de ver a sexualidade que está ali. E não estou falando de ereção! Sim, também tem, mas, mesmo os trabalhos mais sutis dos meus heróis “de folga”, colocam as pessoas para refletir, porque é inegável que uma atração aconteceu ali. E eu adoro isso! Causar esse incômodo me deixa curioso. Querer que as pessoas gostem é fácil, é comum. Mas provocar dá um estalo maior.

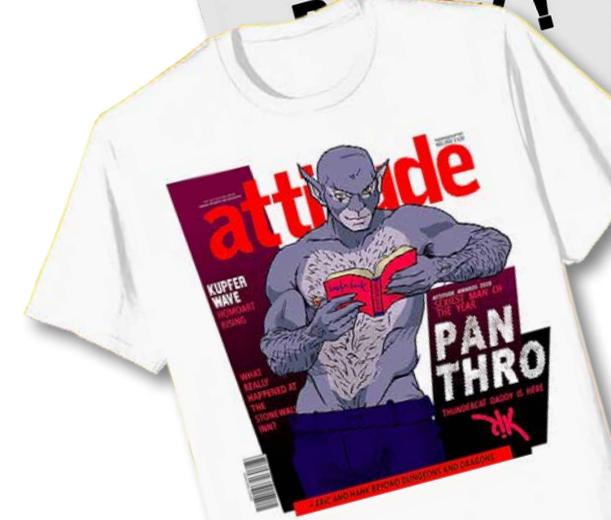


Ao lado, Lambe: Seiya, acrílica e esmalte em papel, 2020.

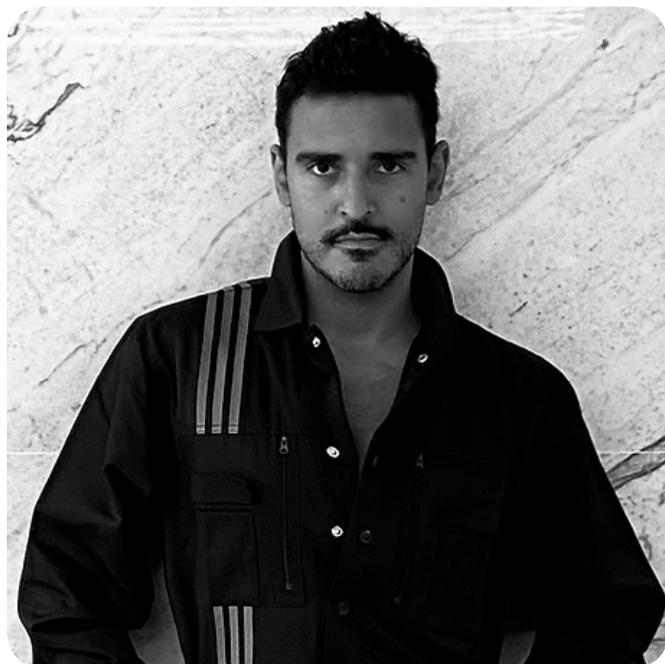
Abaixo, acrílica, spray e marcador em biombo de madeira, 2022.



Glory Hole I e II, acrílica, spray e colagem em painel, 2020.
Ao lado, camisetas Aiolia, Saga, Lion-o e Panthro.



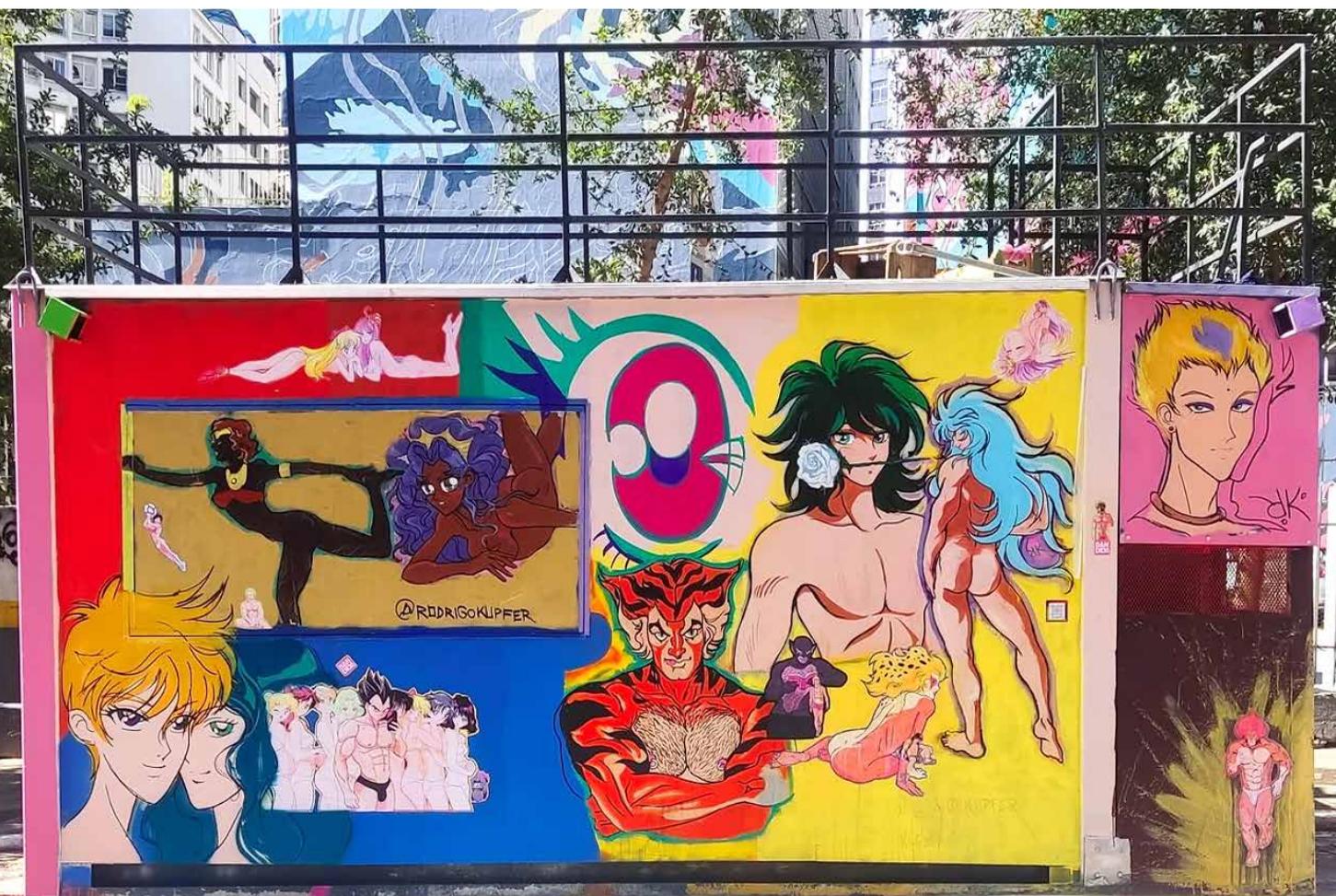
Rodrigo acredita que as redes sociais (“e um culto ao corpo muito doido!”) ajudaram a espalhar a imagem do corpo masculino, permitindo uma melhor aceitação do público em geral e, assim, tornando-o um objeto de arte mais pop. No entanto, sabe que ainda há um longo caminho a percorrer e, por isso, quer continuar a praticar sua arte em diferentes segmentos.



*Quero arte urbana! Quero lambes homoeróticos em todas as capitais!
Quero uma empena de prédio!
Quero expor bonito! Quero material colecionável raro! Quero ter as pessoas vestindo minhas peças e sendo felizes com a proposta! Eu realmente vejo todas as possibilidades.*



Nós também queremos isso tudo! **8=D**



*Cirurgia plástica
para você.*

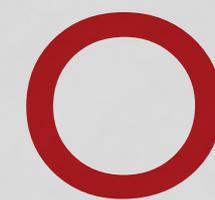


Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Alejandro Zenha

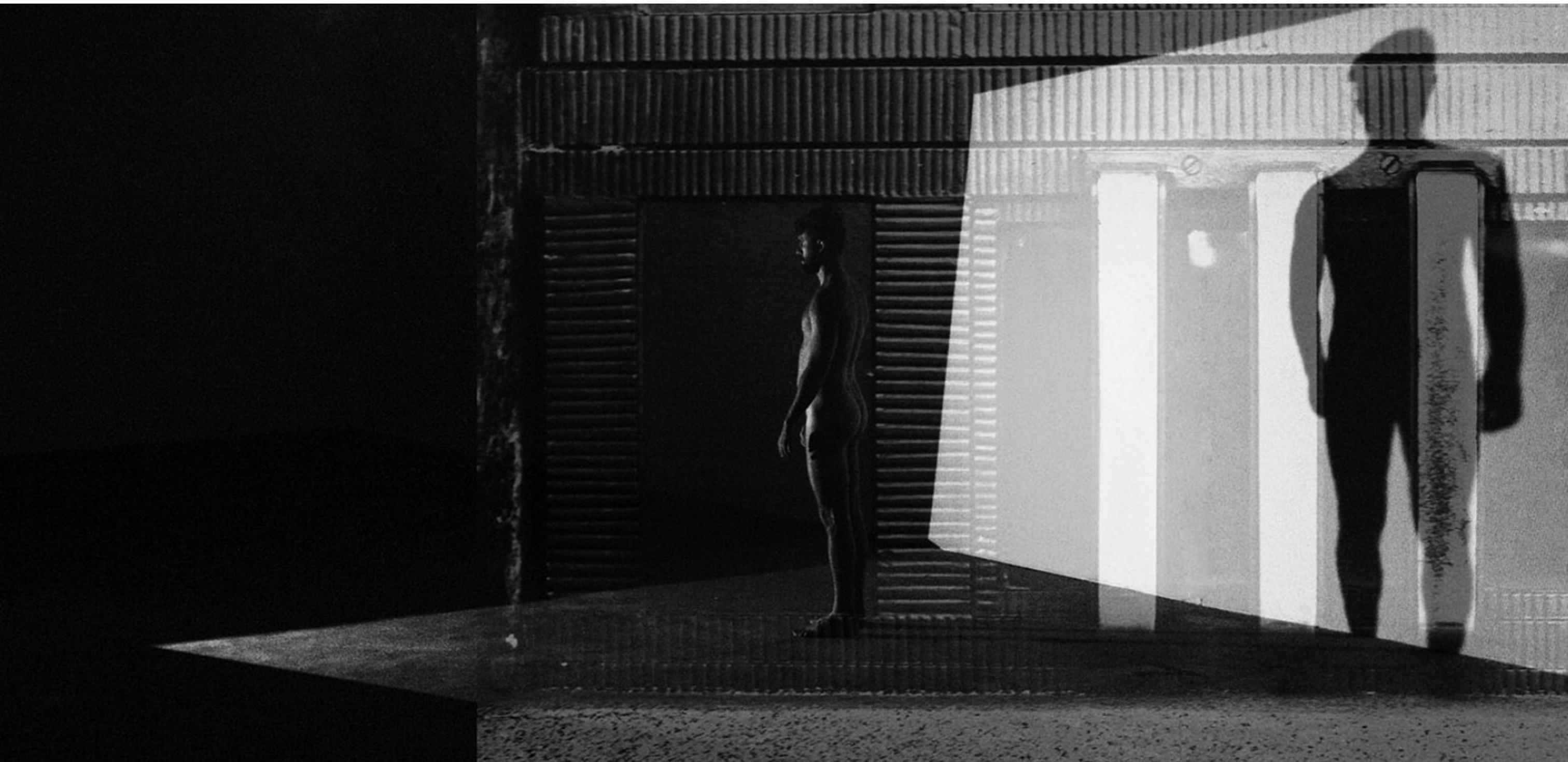
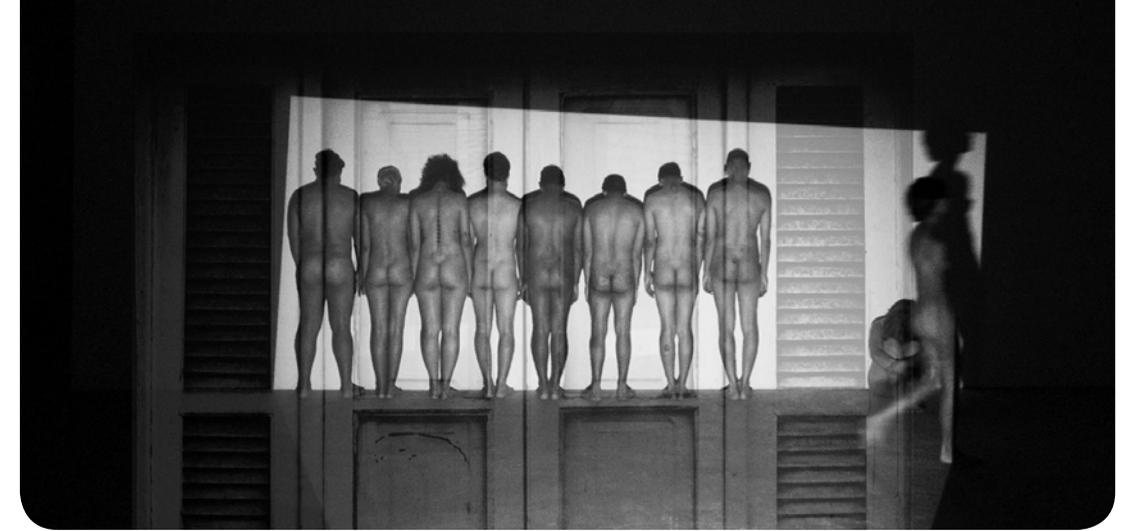
por Filipe Chagas

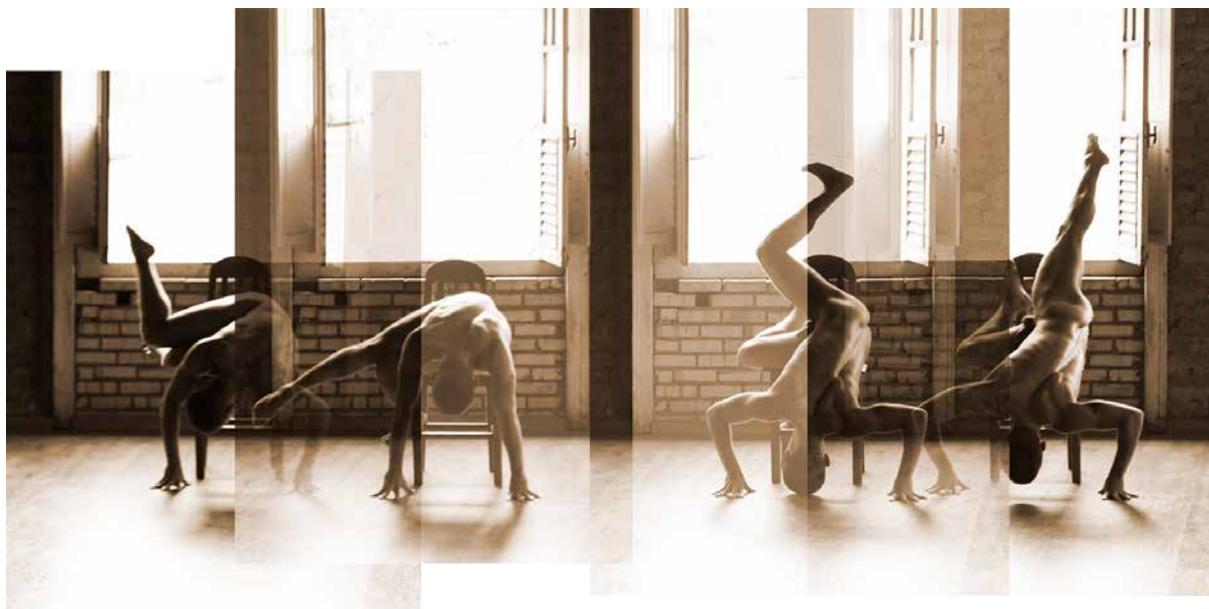


arquiteto goiano **Alejandro Zenha** começou nas Artes através do desenho e da pintura com formas geométricas e abstratas, influenciado diretamente por sua formação acadêmica. Porém, essas linguagens artísticas não correspondiam à velocidade de seu pensamento e de suas ideias. O resultado imediato da fotografia digital – que até então era um hobby – mostrou-se o melhor veículo para suas expressões.

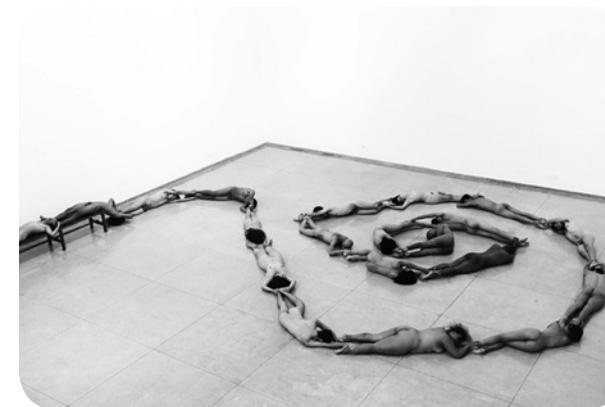
Influenciado e encantado pela obra de Spencer Tunick, experimentou logo o nu artístico. No início, a Arquitetura também o influenciou, traçando diálogos entre corpos nus e os edifícios de Goiânia, flertando com estética minimalista e com o erotismo de uma sexualidade velada em segundo plano. Ao fotografar bailarinos voluntários em ensaios coletivos, compreendeu que o corpo poderia ser “moldado” conforme suas aspirações estéticas, permitindo a composição de imagens mais complexas.

Fotos da série *Geometria do Abandono*, 2017.

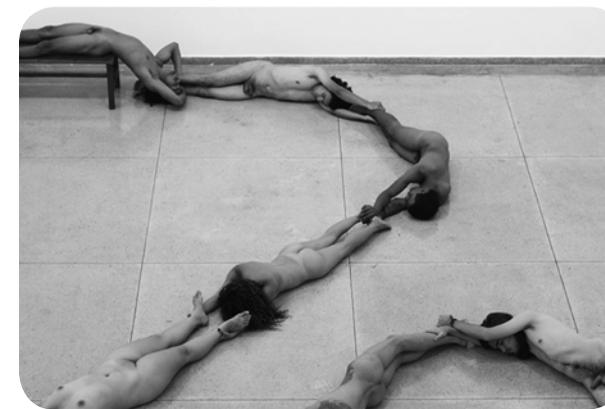


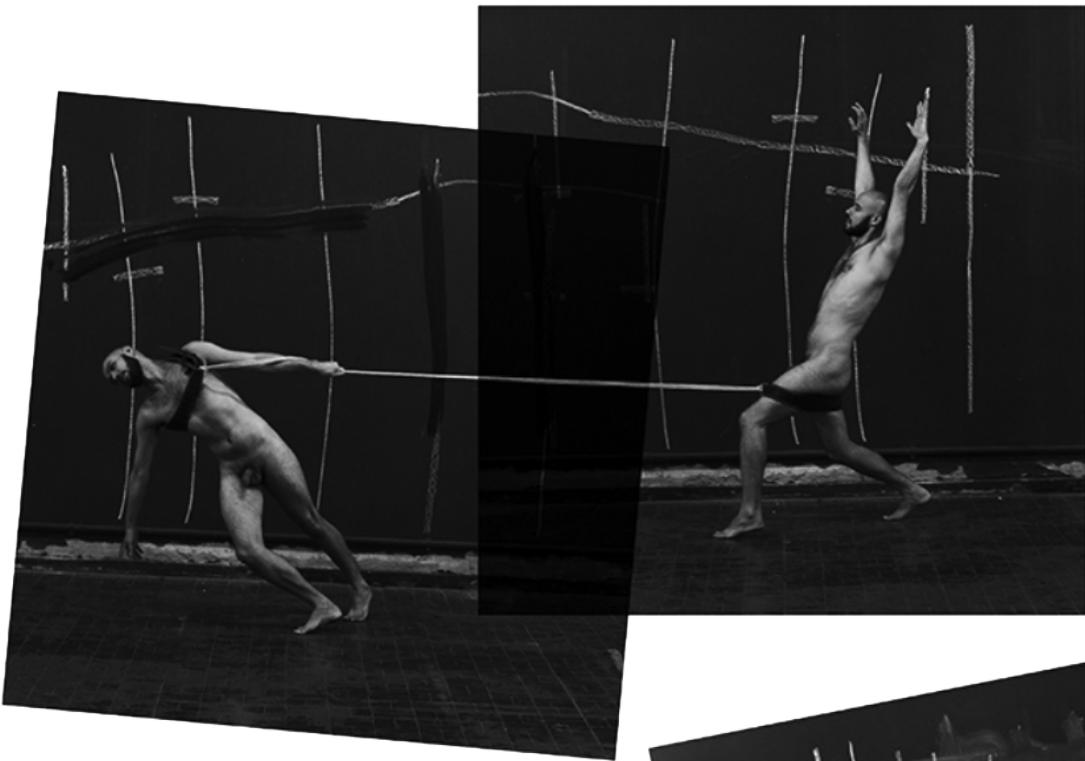
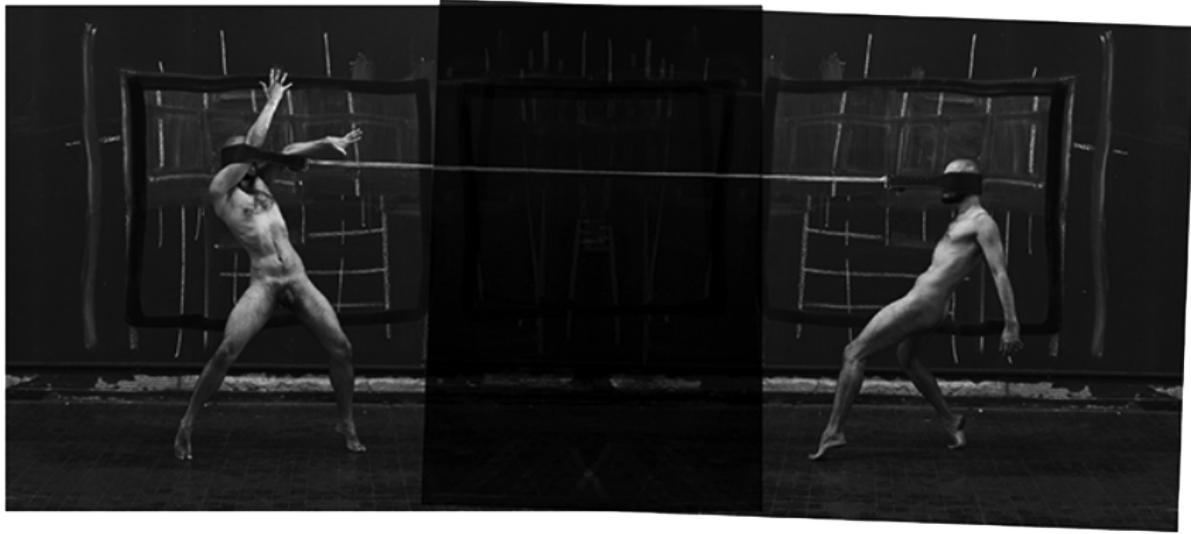


Fotos da série *Sala de espera*.



Fotos da série *Corpo N(eu)tro*, 2017.

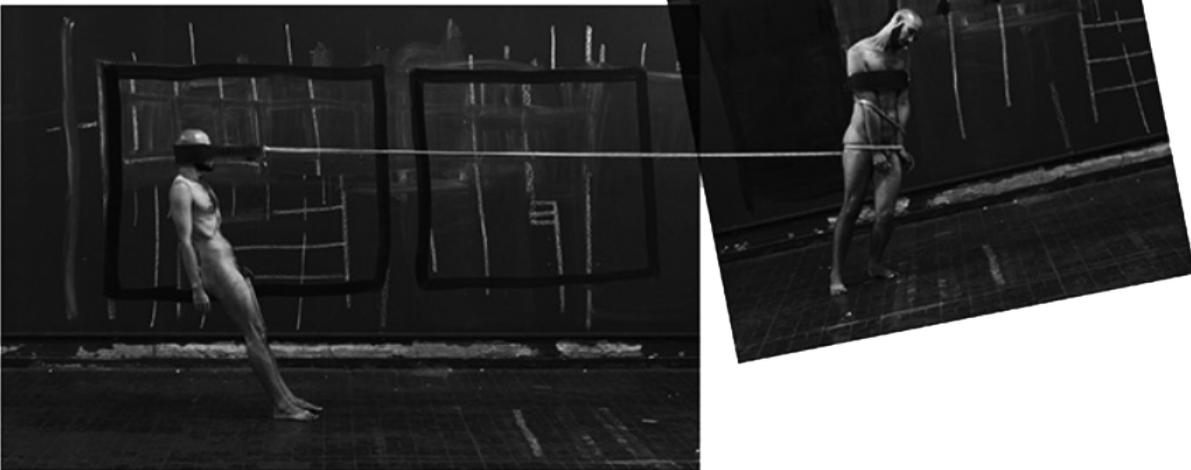




Fotos da série *Equidistante*.



Fotos da série *Horizontais*.

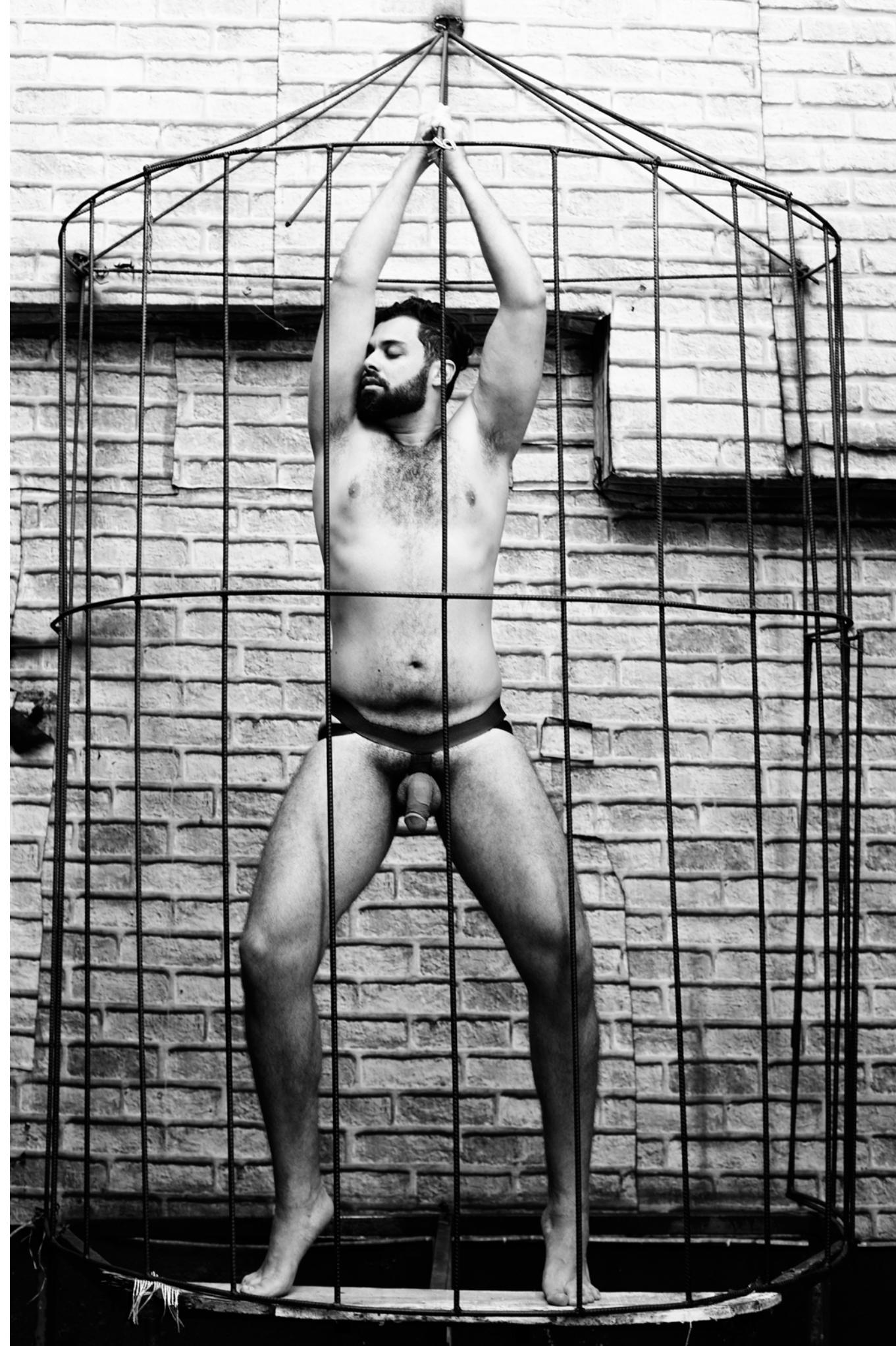


No entanto, com a pandemia, seu trabalho precisou ser reformulado: a câmera fotográfica deu lugar ao celular, que entregava a liberdade e a agilidade tão estimadas naquele momento. Mas não só isso. Nesse hiato intimista, confrontou o incômodo que sentia com a dificuldade de algumas pessoas em desassociar um corpo nu do contexto sexual com seu encantamento pelo universo fetichista* que frequentava. Nas redes sociais, criou um laboratório estético autobiográfico em que pode explorar, despretensiosamente, suas referências, unindo a fotografia ao seu lado Dom BDSM:

Para alguns observadores, nem a luz, a composição, a estética ou o equilíbrio técnico, nada é capaz de sobrepor ao “sex appeal” do corpo do modelo. Então, utilizei a libertinagem de Hilda Hilst e Marquês de Sade, o compromisso com o drama de Madonna e Joel-Peter Witkin, o protagonismo da luz de Caravaggio e Florian Hetz, para dominar os clichês e, assim, fugir deles. Passei a fotografar minhas sessões de BDSM e tornei isso o viés principal da minha criação.



* Leia sobre fetiches na edição 7 e sobre outras parafilias na edição 27.





Foi também durante o isolamento, na impossibilidade de criar, que se reconheceu “fazedor de arte”. Seu desejo em produzir levou ao entendimento que o título “artista” (“sempre me soou pesado, com uma série de compromissos sociais atrelados à função”) é muito mais uma postura interna do que dependente do reconhecimento dado por outras pessoas.



Alejandro esclarece que seu processo criativo funciona de duas maneiras: de “dentro pra fora”, quando alguma inspiração traz um questionamento mais profundo ou, até, mesmo, uma simples experiência estética; ou de “fora para dentro”, em que é contratado por conta de sua pesquisa visual fetichista.

Não somente por pura identificação (“registrar homens nus é uma extensão genuína do que sou”), modelos masculinos são tanto o foco de seu trabalho autoral quanto o nicho de seu trabalho comercial junto a produtores de conteúdo adulto vinculados às plataformas de entretenimento pago, como o *OnlyFans*. Sabendo que nem todo mundo está disposto a ser amarrado, vendado e amordaçado em um ensaio fotográfico, já conhece alguns modelos que contribuem com a sua pesquisa a anos e que se disponibilizam para tais experiências:



É importante se ter com os modelos o que eu chamo de “vínculo de criação”, em que ambos, fotógrafo e retratado, se unem em busca do clique perfeito. Este vínculo se sobrepõe a qualquer espectro de representação social de qualquer parte do corpo, inclusive do pênis.

Como não poderia ser diferente em uma produção que trata de sexualidade, a nudez é presente e, de acordo com o fotógrafo, “não faria sentido explorar fetiche e erotismo, sem mostrar os genitais”. Em sua obra autoral, o propósito determina a composição e, portanto, a presença do pênis é semelhante às demais partes do corpo. Mas, na produção comercial, costuma fazer parte da proposta retratar o prazer, o desejo e o gozo e, assim, a ereção torna-se foco, seja simplesmente para alimentar a galeria dos “nudes a enviar para o crush” ou para comercializar as imagens nas plataformas de conteúdo adulto.

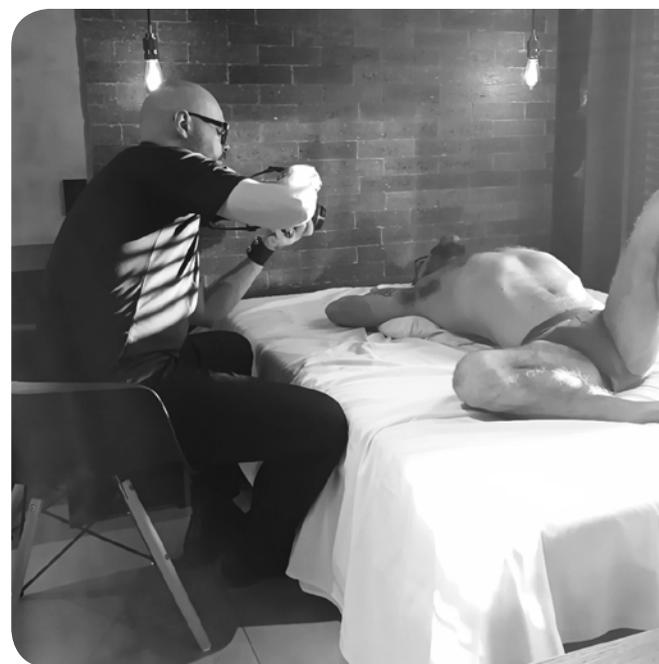






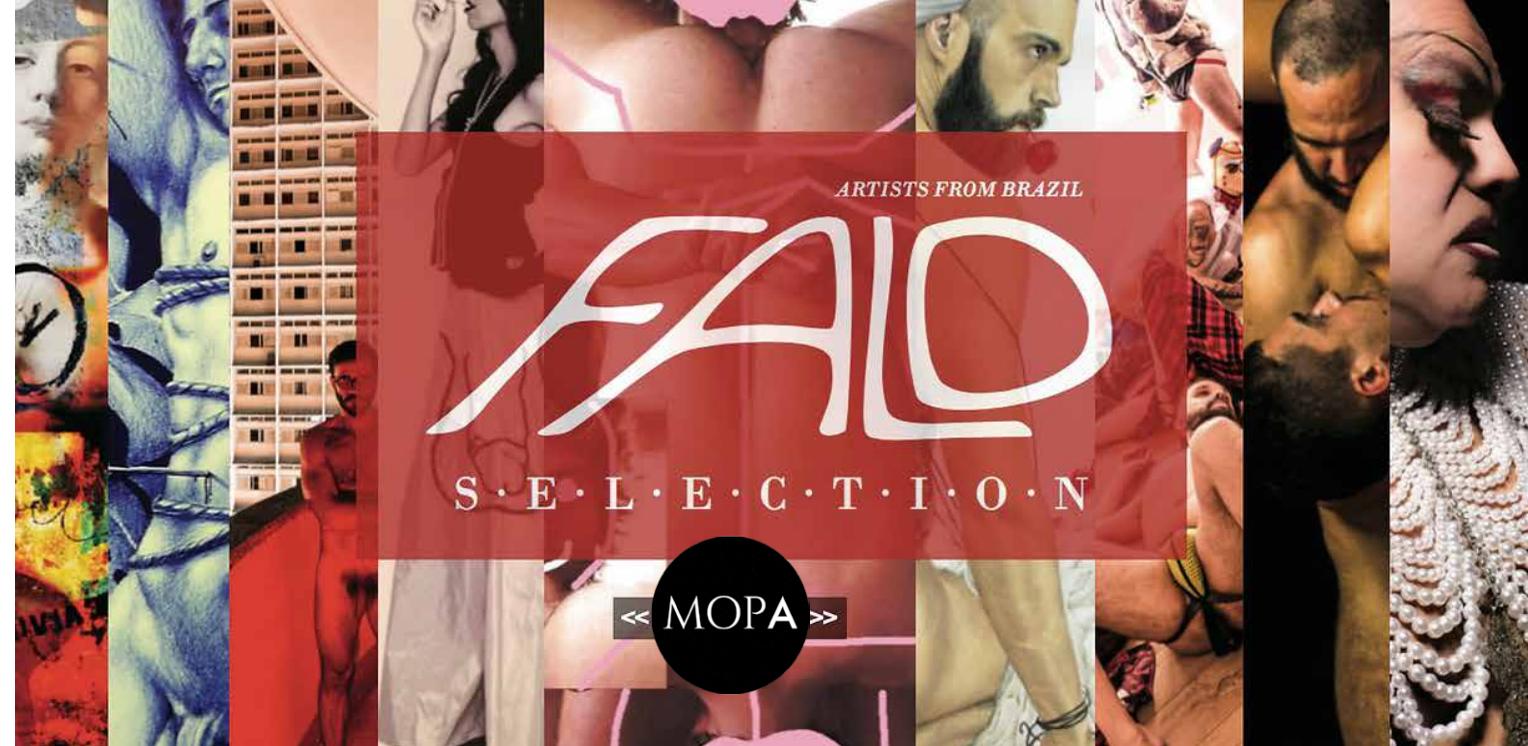


Foto da série *Leather*, com Dom Barbudo, Dom Maori, Deh Leather, Túlio Costa e voluntários. Abaixo, foto dos bastidores do grupo.



Alejandro Zenha em ensaio com Hélder Amorim.

A censura enfrentada por artistas, curadores, editores e pessoas LGBTQIA+ envolvidos (ou não) no mundo fetichista mantém Alejandro reticente quanto às mudanças que verdadeiramente possam alterar o status quo (“cenas de violência gratuita não sofrem as denúncias que um falo sofre”). Contudo, pretende continuar as parcerias e colaborações com produtores de conteúdo adulto para intensificar a estética fetichista em sua pesquisa estética. **8=D**



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 × 14.8 cm | Soft Cover



Patrick Angus

1953-1992



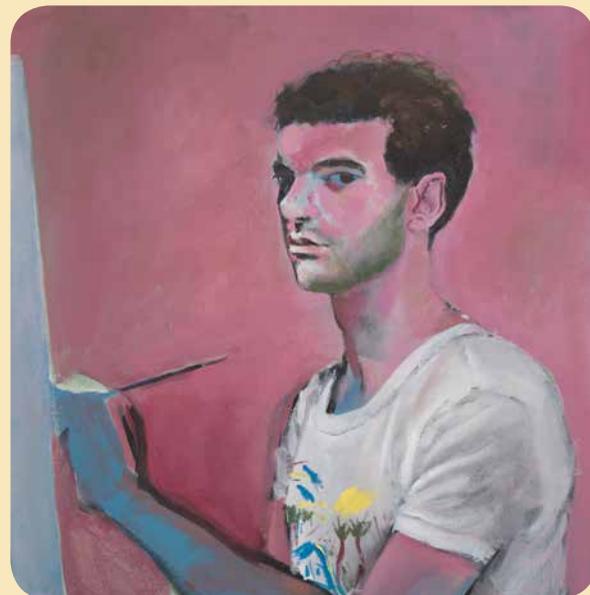
Hanky Panky, acrílica sobre tela, 1990, com uma "versão pornô" da piscina de David Hockney.

O artista realista californiano **Patrick Morton Angus** (1953-1992) era um menino tímido que queria ser artista, mas, sem orientação, não sabia como começar. Até que um gentil professor de arte do ensino médio o orientou e permitiu que ele usasse seu estúdio. No entanto, tinha algo mais: nascido em uma família religiosa e conservadora, Angus tinha medo de abordar sua angústia sexual.

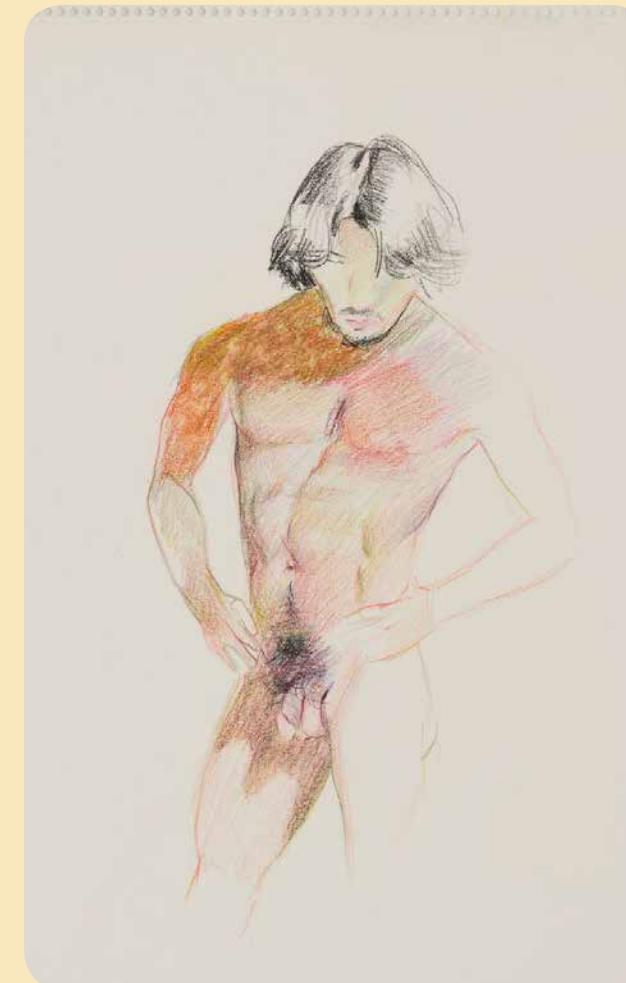
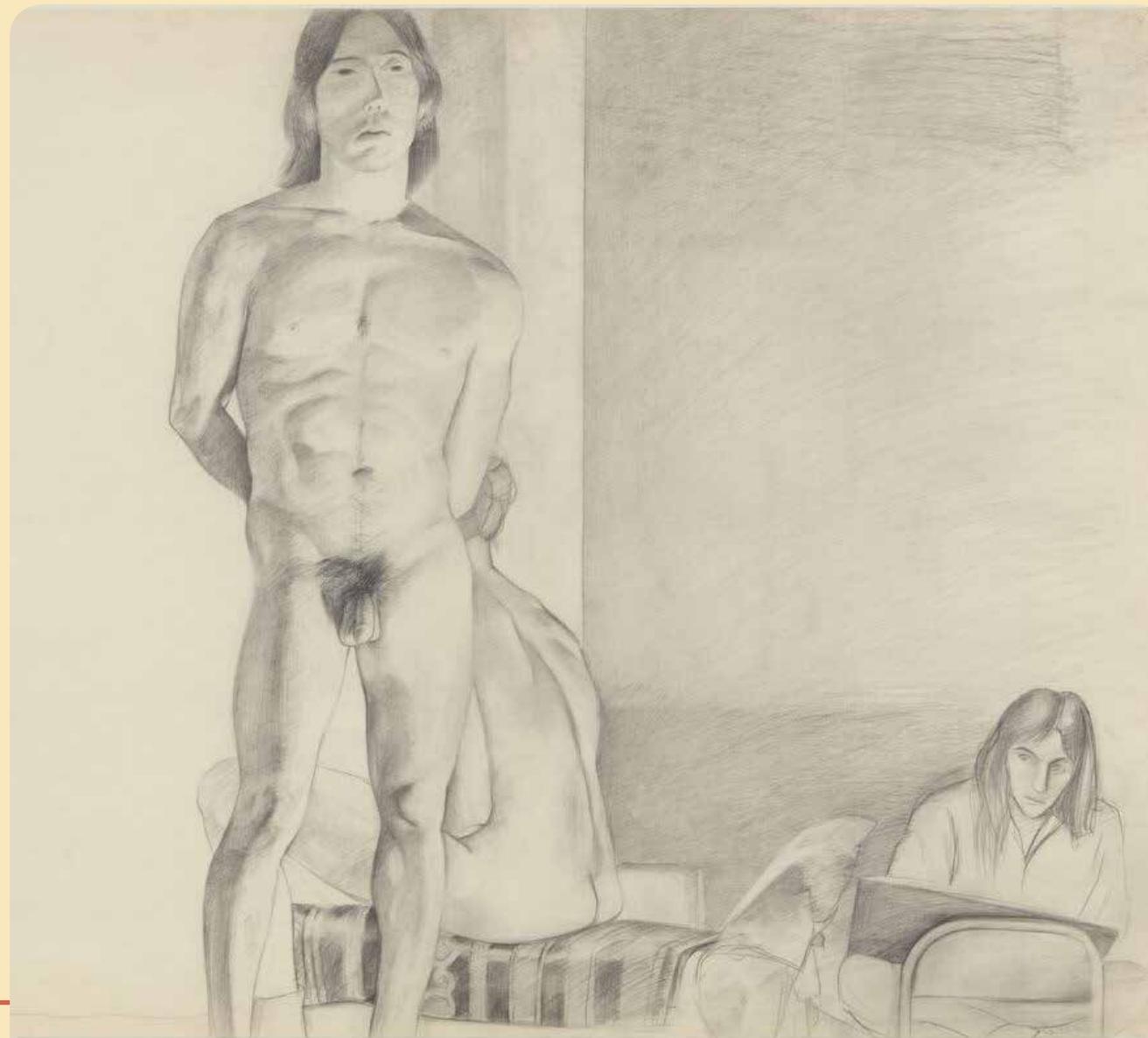
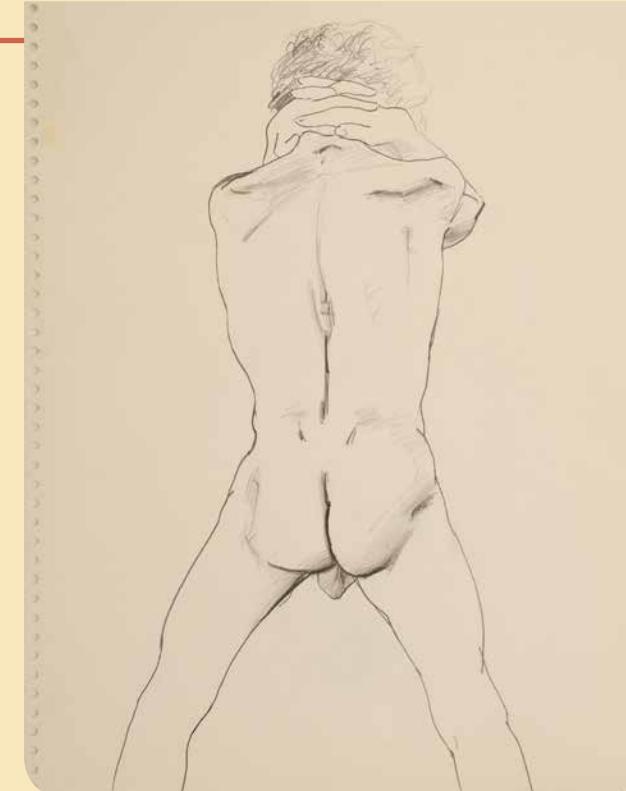
Excelente desenhista, cresceu numa época em que a pintura figurativa era uma “maldição” para a elite artística que se encontrava na arte minimalista e conceitual. Em 1974, uma bolsa do Santa Barbara Art Institute o levou a conhecer outros artistas “realistas” e, assim, fortaleceu sua visão artística, especialmente, a partir da obra de David Hockney (1937-), artista que celebrava sua personalidade sexual e a “boa vida gay” em Los Angeles. No ano seguinte, então, Angus se mudou para Hollywood e descobriu que a tal “boa vida gay” era somente para os ricos e bonitos.

Angus era descrito como um homem educado, tímido, de aparência agradável, estatura mediana, pele clara bem pálida com olhos escuros e gentis. Acreditando que não era sexualmente atraente, sentia-se desesperadamente solitário e carente. Fazia naturezas-mortas, cenários, retratos de amigos e pintava a cidade com a mesma sagacidade de Hockney, porém, ainda evitando temas abertamente gays.

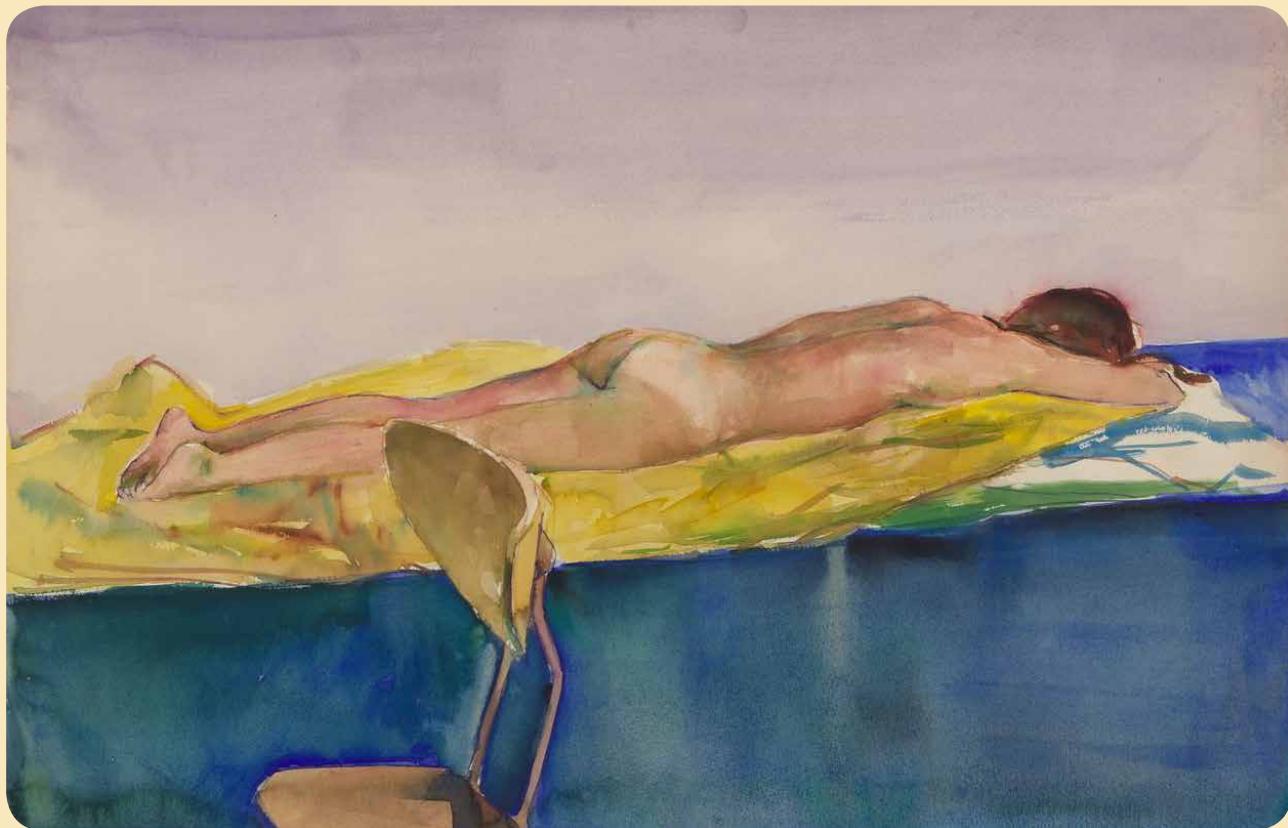
Quando o foco pode ser desviado de sua baixa auto-estima, Patrick pode ser o mais encantador dos companheiros de conversa. Ninguém que eu conheci tinha um julgamento estético tão objetivo nem estava tão ansioso pelos insights estéticos dos outros... mas quando o assunto voltava ao seu trabalho, novamente a nuvem de auto-aversão turvava e envenenava a conversa... Ele viu tudo tão claramente, exceto ele mesmo. – Robert Patrick



Autorretrato, acrílica sobre tela, s.d.

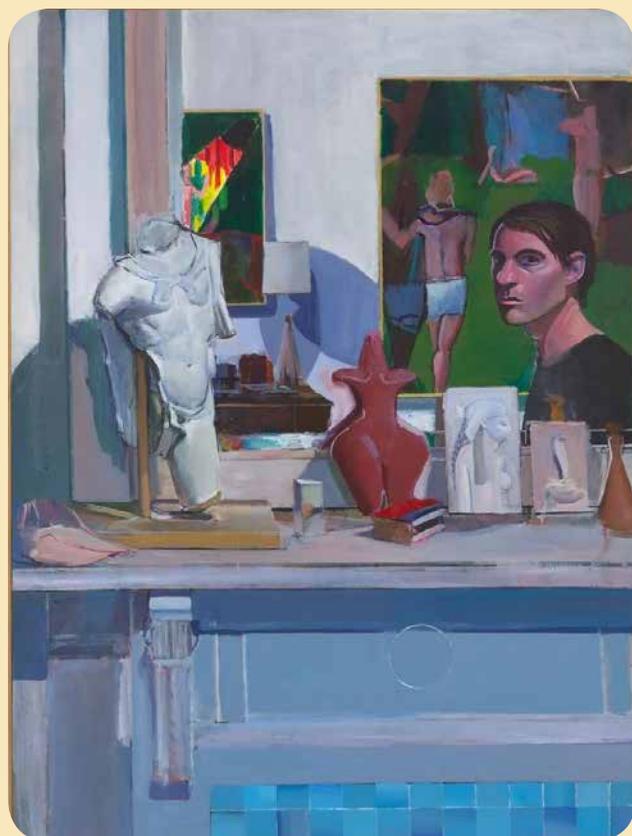


Desenhos em grafite e lápis de cor da década de 1980.

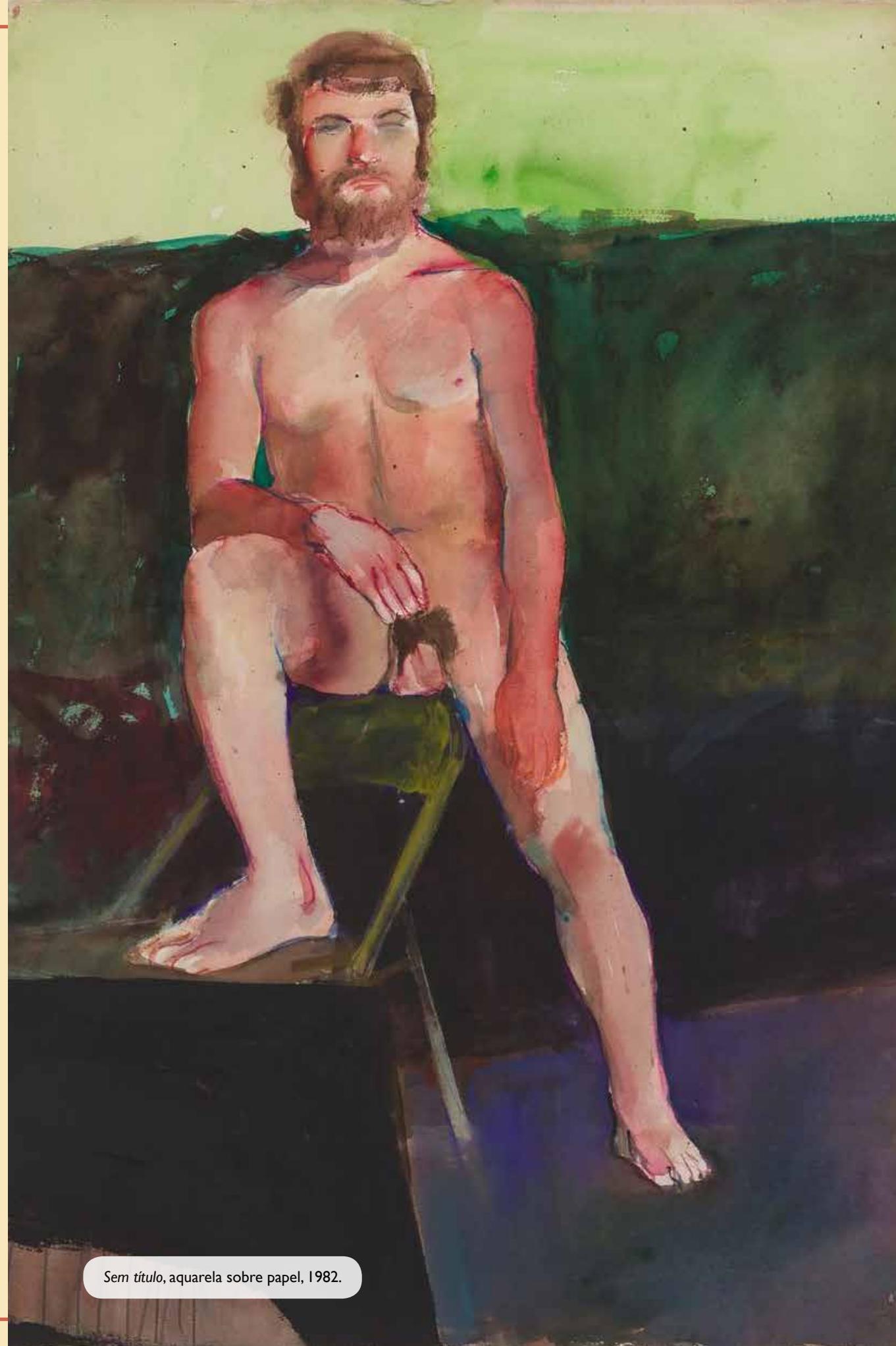


Sem título, aquarela sobre papel, c. 1980.

Em 1980, visitou uma retrospectiva de Picasso no Museu de Arte Moderna de Nova York e declarou que “Picasso demonstrou que qualquer coisa [incluindo o orgasmo] pode ser retratada. Picasso é o realista máximo”. Trabalhando no museu durante o dia, primeiro como guarda e depois na loja de presentes, ele costumava passar as noites no Gaiety Theatre, no The Prince (dois famosos teatros gays na Times Square) e em outros locais gays, onde encontrou as cenas e os homens que faziam parte de sua obsessão pessoal pela solidão erótica. Três pinturas principais definem seu meio: *Boys do fall in love* (1984), que retrata um show de strip-tease; *Flame Steaks* (1985), que se passa em um bar agitado; e *The Mysterious Baths* (1985), que retrata uma sauna gay.

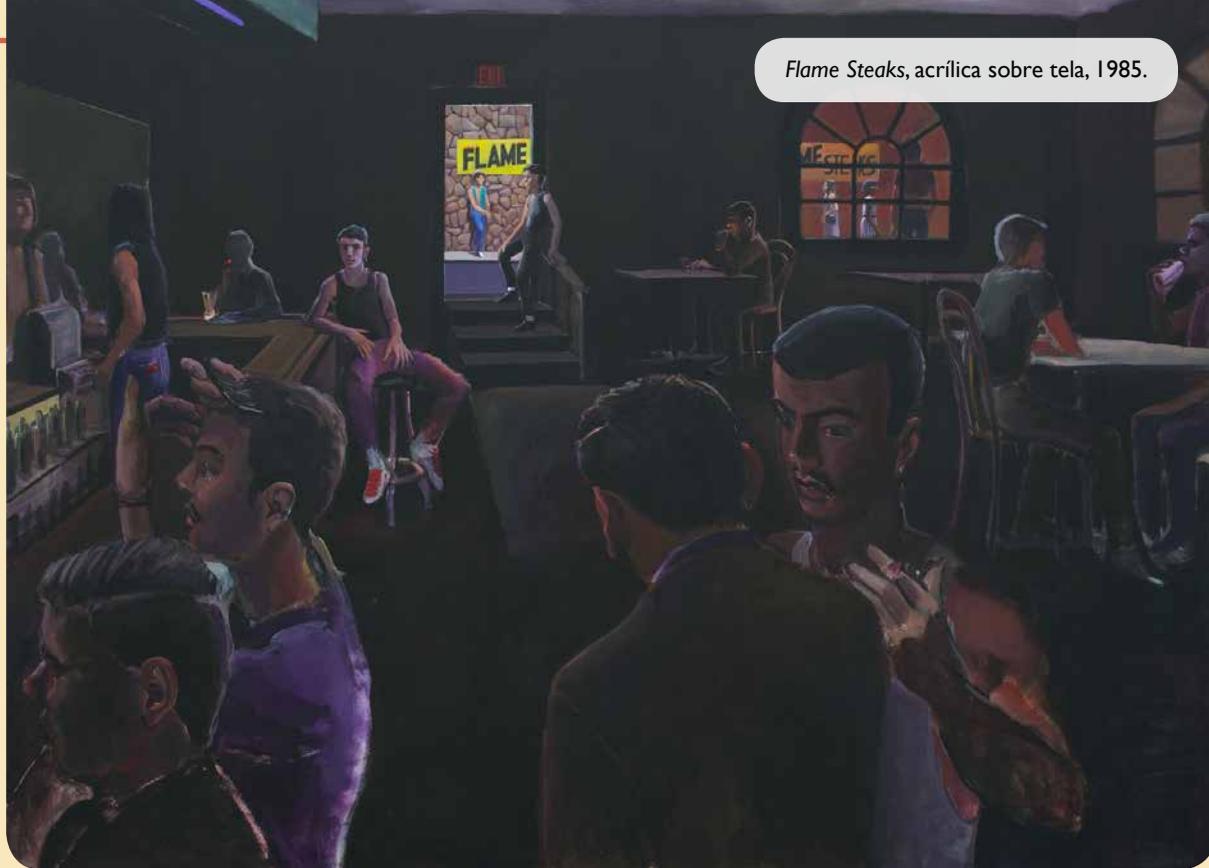


Autorretrato como Picasso, acrílica sobre tela, 1980.



Sem título, aquarela sobre papel, 1982.

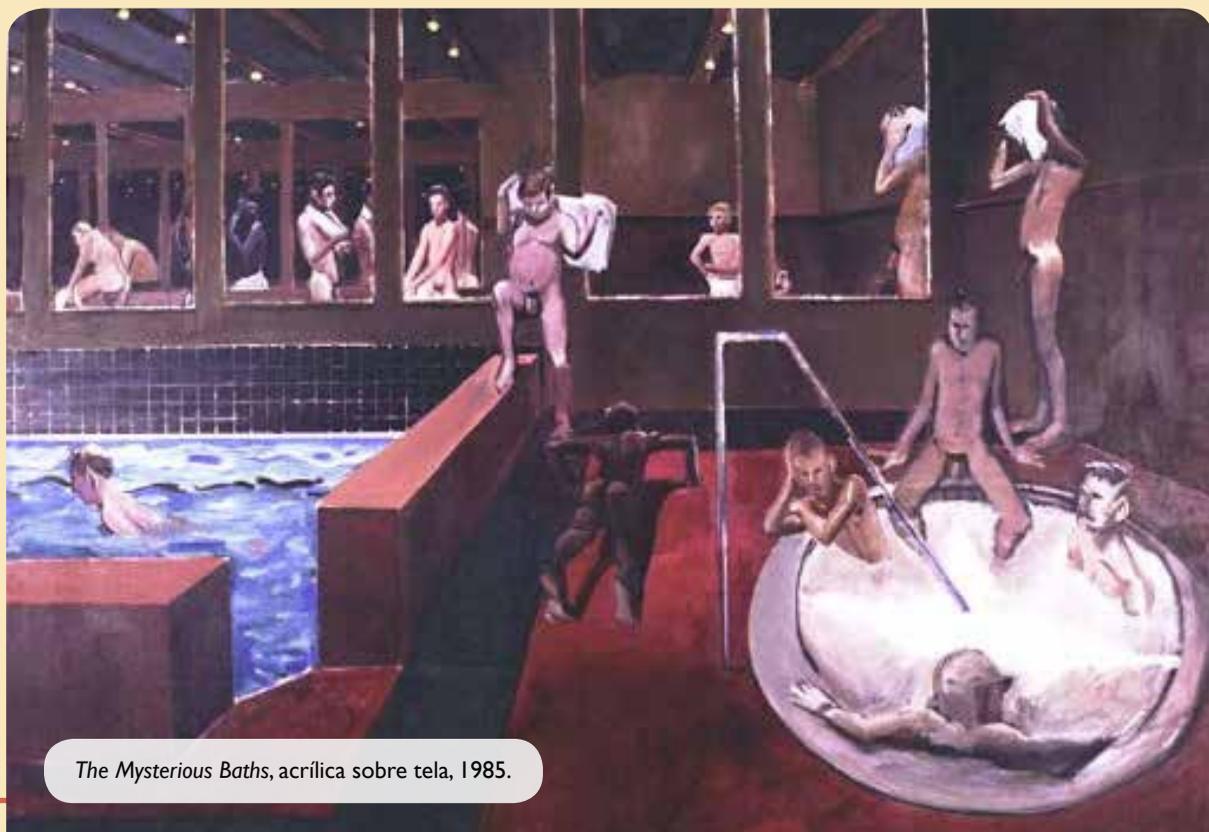




Flame Steaks, acrílica sobre tela, 1985.

Com base nesses trabalhos, o dramaturgo Robert Patrick (1937-2023) descreveu Angus como o *Toulouse-Lautrec da Times Square*. Contudo, o mercado comercial de arte se fechou para ele. A elite gay burguesa desaprovava as suas representações da “má vida gay” politicamente incorreta, cheia de agitação e solidão. Todas as tentativas de expor o trabalho de Angus foram rejeitadas*.

* Uma cena do documentário *Resident Alien*, de Jonathan Nossiter, mostra Robert Patrick arrastando um relutante Angus para mostrar suas pinturas a um negociante de arte do East Village, que recua horrorizado com o tema explicitamente homossexual.



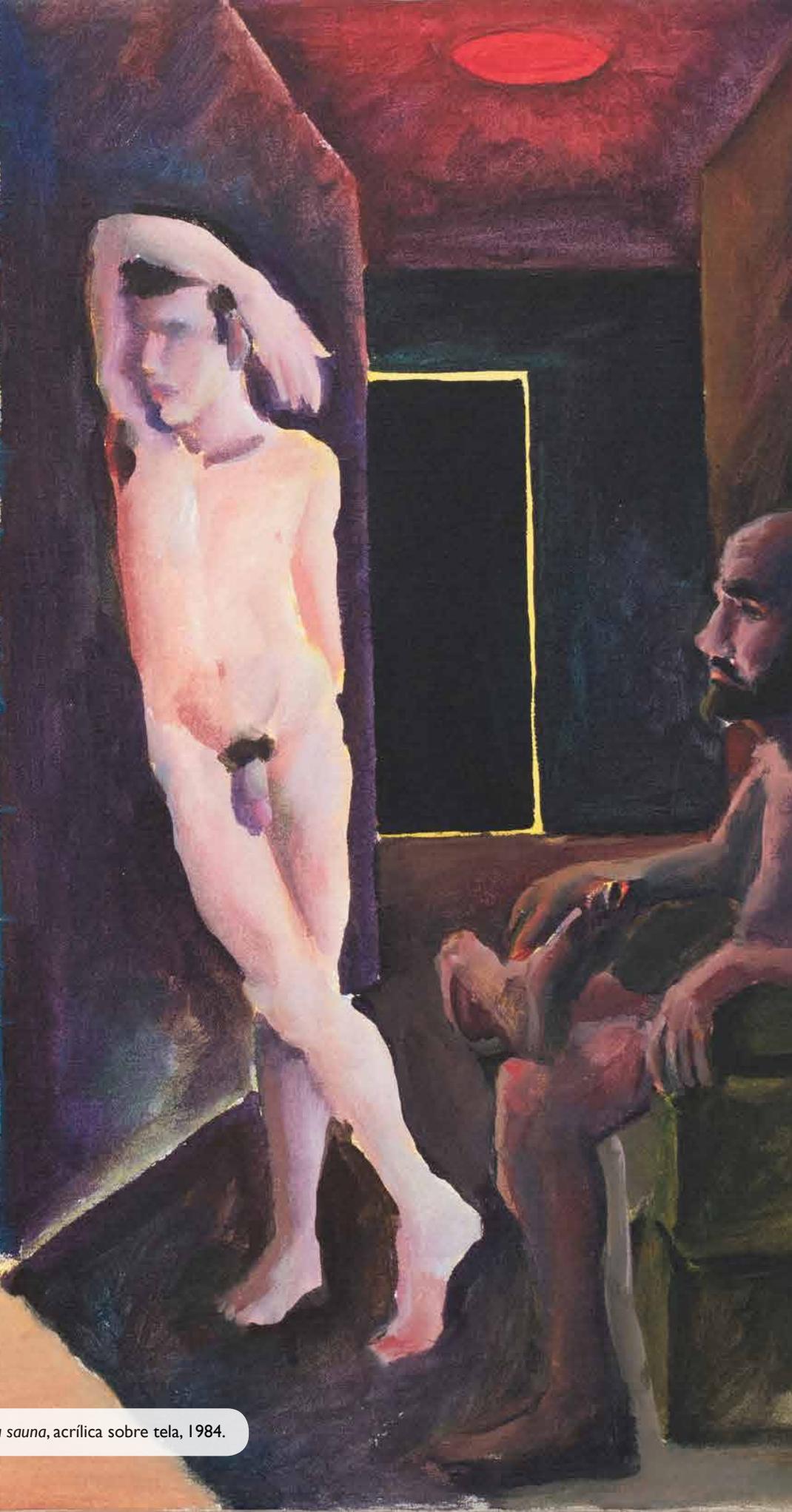
The Mysterious Baths, acrílica sobre tela, 1985.



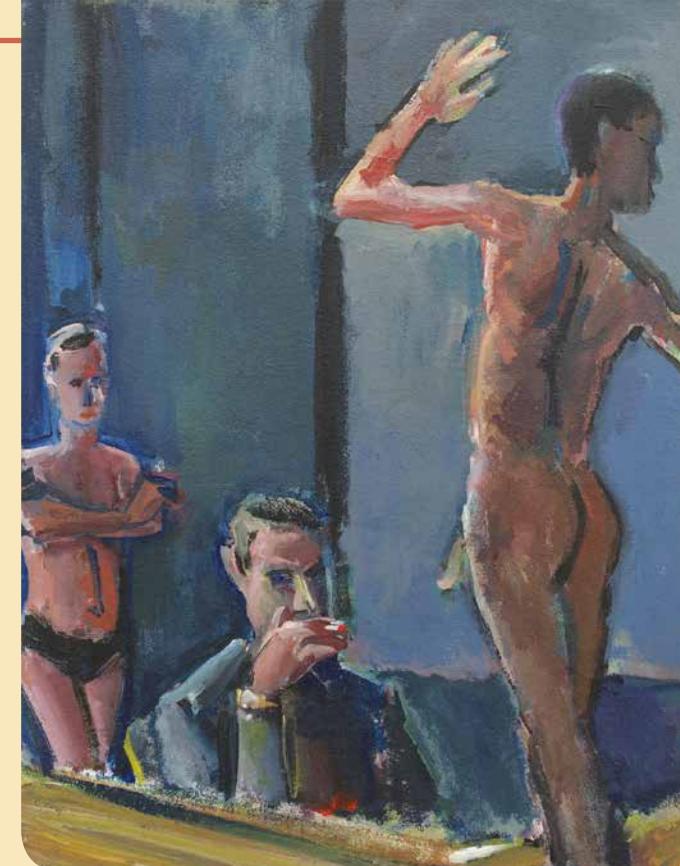
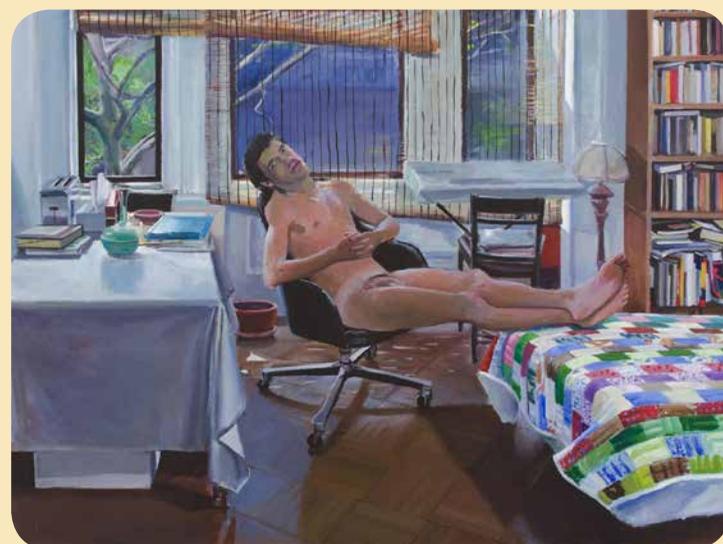
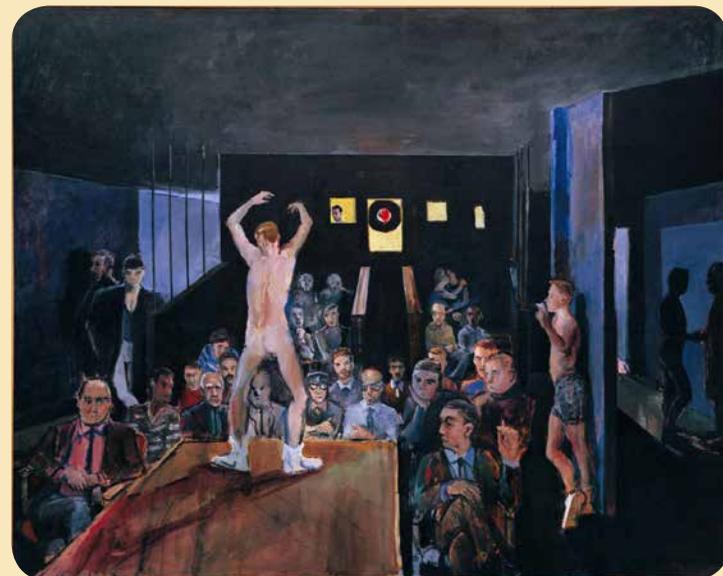
Vinto tinto vermelho: Uma cena no Gaiety, crayon sobre papel, c.1980 (detalhe).



Uma ducha na sauna, acrílica sobre tela, 1984.



Desesperado porque seu trabalho nunca seria aceito, Angus resignou-se à obscuridade e à pobreza. Encontrou um quarto em um hotel social de Nova York, onde poderia pintar, mas se recusou a arriscar mais humilhação ao tentar expor seu trabalho. Essa relutância levou Robert Patrick a apresentar o trabalho de Angus na revista *Christopher Street*, a mais elitizada publicação gay da década de 1980, colocando sua importante contribuição para o legado do realismo social americano, incorporado no trabalho de artistas como Thomas Eakins, Winslow Homer, Edward Hopper, Reginald Marsh e Paul Cadmus. Como resultado, o trabalho de Angus começou a vender.



Acima, *Nu perto da lareira* (1987) e *É minha prerrogativa* (1988);
abaixo, *Retrato de Robert Stuart* (1990). Todas em acrílica sobre tela.

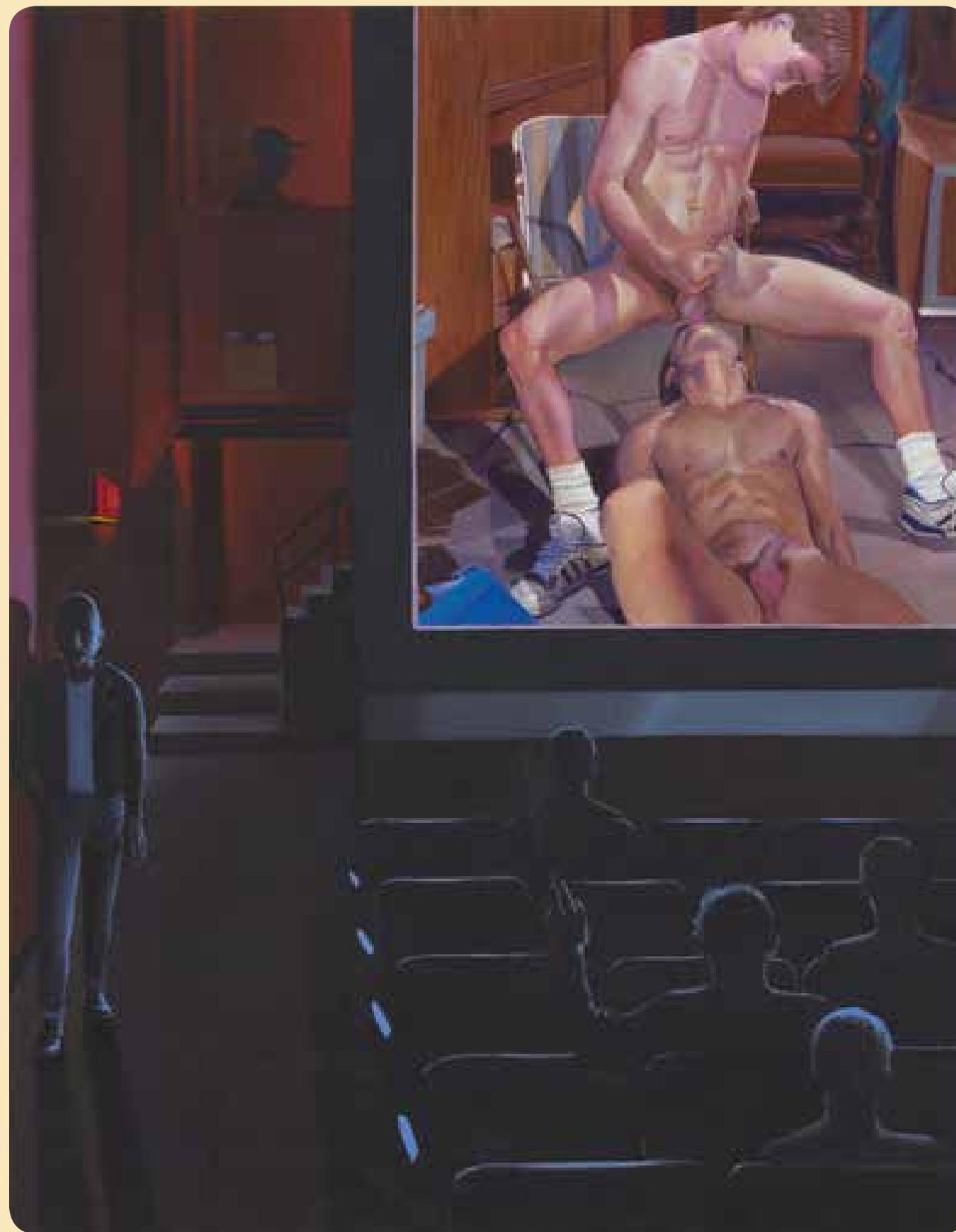


Mais de vinte anos depois de Stonewall, os gays ainda têm poucas imagens honestas de si mesmos, e a maioria delas ocorre em nossa literatura. Os gays desejam ver a si mesmos em filmes, peças de teatro, televisão, pinturas, mas raramente o fazem. Obviamente, nós devemos nos retratar. Estas são minhas pinturas.

Meu coração faz bang bang bang (acrílica sobre tela, s.d.), *Bandeira arco-iris na mesa de sinuca* (crayon sobre papel, 1987) e *Nu sentado com colcha de retalhos* (acrílica sobre tela, 1989).



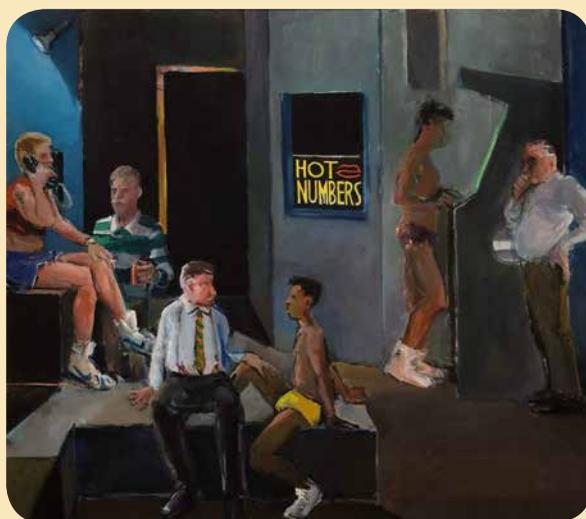
O sonhador, acrílica sobre tela, 1988.



Perco as forças, óleo e acrílica sobre tela, 1991.

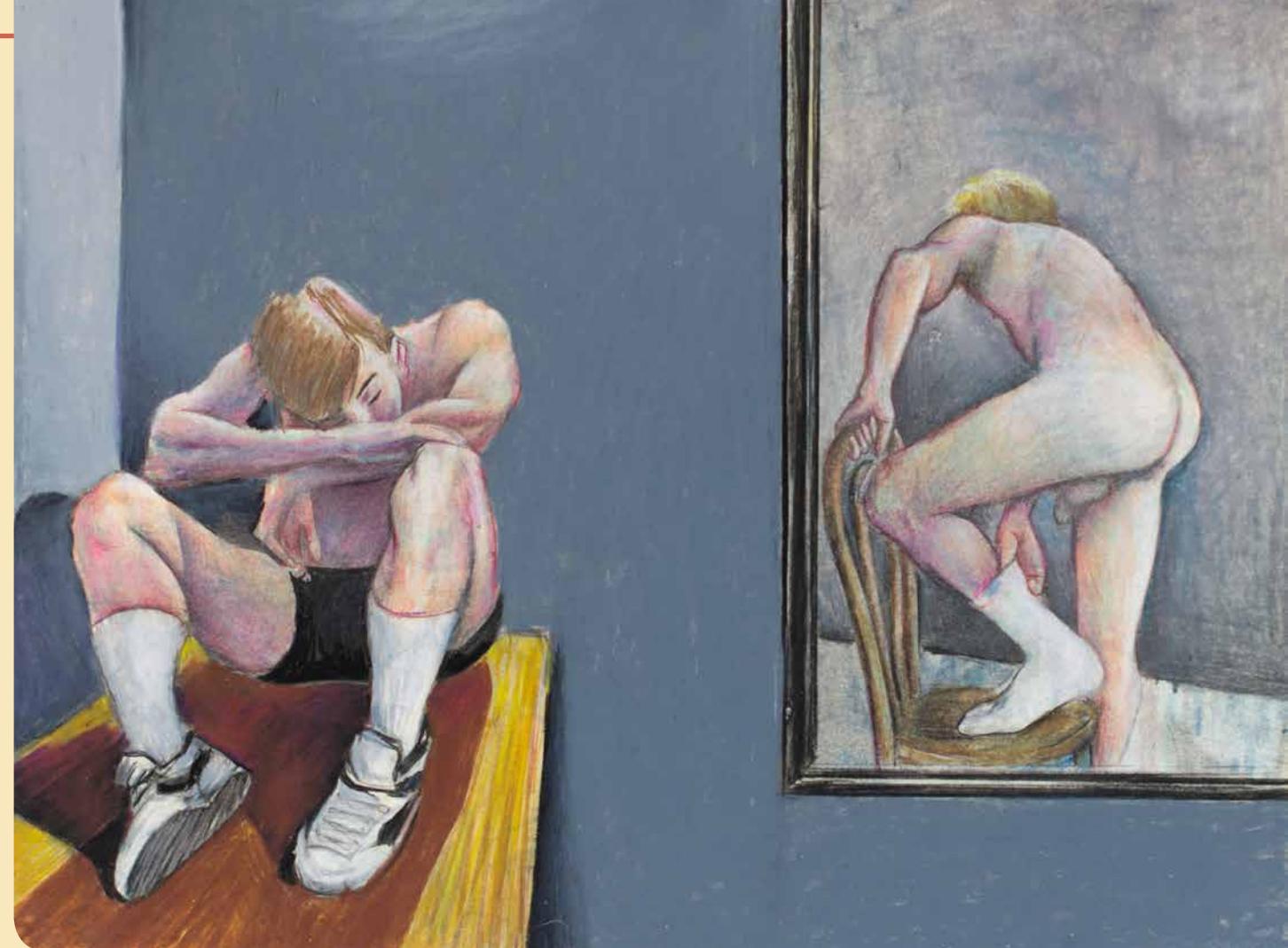


Escravo do ritmo, acrílica sobre tela, 1986.



Hot Numbers, acrílica sobre tela adquirida por David Hockney, 1989.

No início da década de 1990, Angus desmaiou e foi diagnosticado com AIDS. Ainda pobre e sem condições de pagar um médico (contava para os amigos que estava seguindo ordens médicas), não temia a morte, mas sim que seu trabalho fosse jogado fora. Ficou extremamente surpreso com a organização de três exposições individuais (uma na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e nas galerias Leslie-Lohman e Ganyমেде na cidade de Nova York) e com a venda de seis pinturas para David Hockney. Aos 38 anos, em seu leito de morte, quando seu amigo Douglas Blair Turnbaugh mostrou as provas de um livro com suas pinturas (*Strip Show*), sussurrou: “Este é o dia mais feliz da minha vida”.



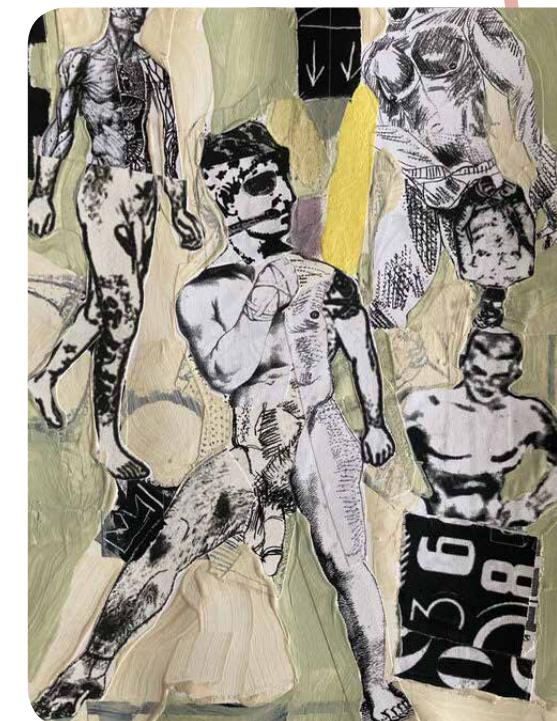
Dois dançarinos no vestiário nos bastidores do Teatro Gaiety, acrílica sobre tela, 1991. Abaixo, desenho em grafite (198-).

Seu olhar incisivo registrava com empatia, compreensão e inteligência, a saudade e a solidão presente na cena marginal gay da década de 1980. Com pleno domínio de seu talento para o drama narrativo urbano, Angus dedicou-se a documentar bares, banheiros, burlescos, espaços onde homens gays se reuniam para se divertir, sem julgamento ou sentimentalismo – mesmo que muitos preferissem não serem vistos – em composições “deliberadamente desavergonhadas”, como disse o escritor inglês Quentin Crisp (1908-1999). Entretanto, o artista defendia que não pintava sexo, mesmo quando mostrava sexo: o destaque era a intimidade, a troca humana, o compartilhamento do desejo, do prazer, através do olhar, do gesto ou do segredo. Embora o mercado ainda negligencie o retrato da vida gay e mantenha sua obra desconhecida, Angus elevou as experiências coletivas gays ao status de arte. **8=D**



Como um artista quer interdisciplinar, o nova-iorquino **Carmine Santaniello** explora a personalidade masculina através da colagem, que costuma ser o ponto de partida de seu processo criativo. Ao método tradicional dessa linguagem artística – onde a imagem é construída a partir de outras imagens, cores e formas – ele incorpora suas próprias fotografias, grafites, arte urbana e faz intervenções gráficas para alimentar suas obras com um expressionismo que, muitas vezes, fica entre o figurativo e o abstrato (e guarda semelhanças com a obra de Basquiat). Na série Articulated Paper Dolls, o artista sai da passividade voyeurística e convida o espectador a interagir. Assim, Carmine cria seu próprio vocabulário, um ambiente de beleza, agressividade, sensibilidade e carregado de desejo sexual.

8=D

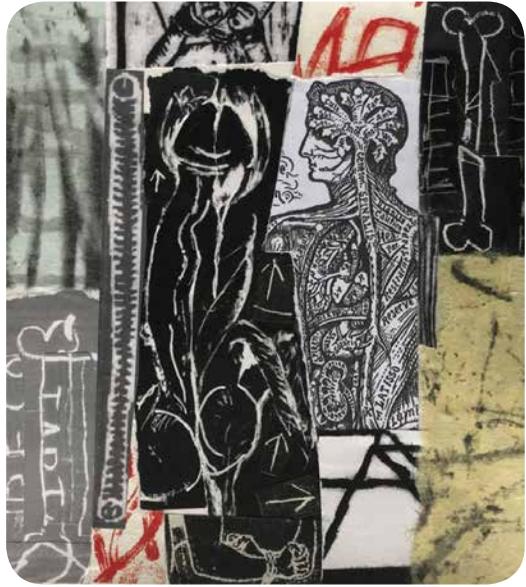


Ao lado, Alegria QC 22.

Acima, Trinta e seis oito.

Abaixo, Quatro oito quatro.





Queer Collage 15.



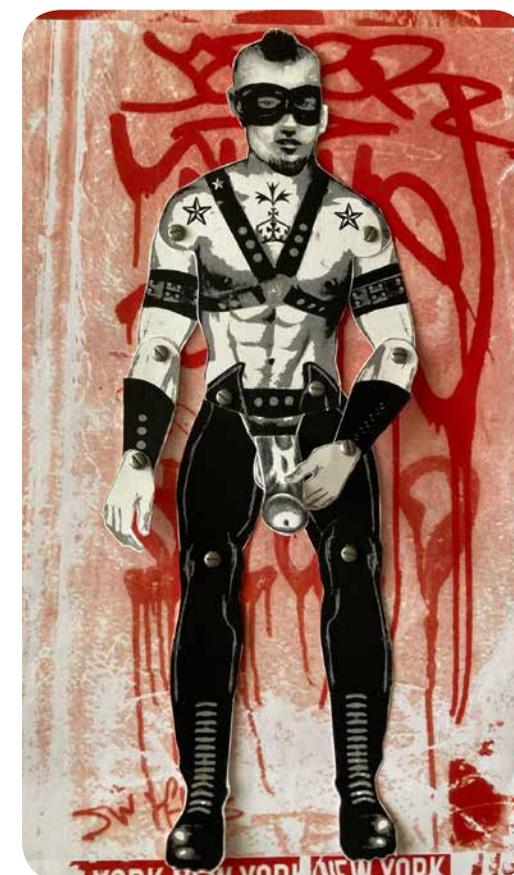
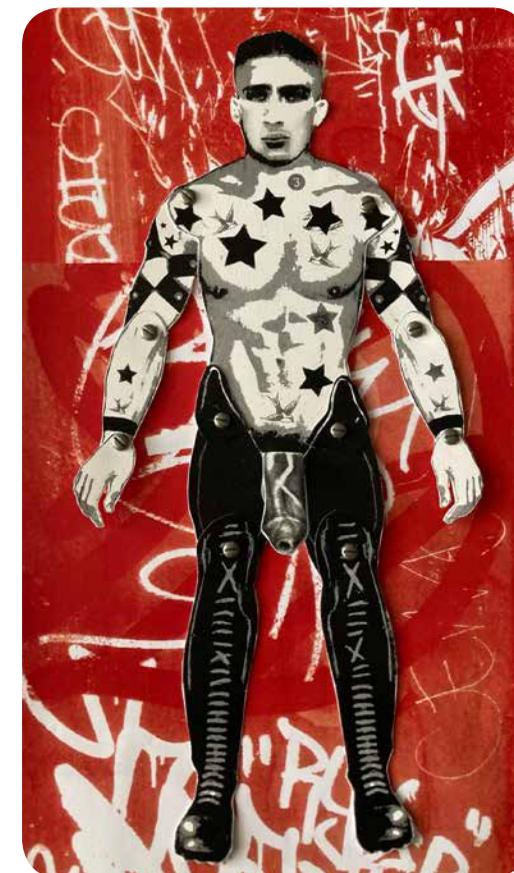
Queer Collage 14.



Queer Beat QC 21.



Queer Collage 23.



Ao lado, *Alegría I* (Botanical).

Nesta página, os bonecos de papel articulado:
Casal I, *Starman* e *Viking*.

SEJA MAIS.

**ben
feita
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Orlando Amorim, Rafael Pentagna, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



SORVETE DE GROSELHA

Na rua, ele pega embaixo e gira.

A coisa toma forma

sobe na espiral

de baixo

para cima

até a ponta.

Por fora vermelho-groselha

vermelho vivo

vermelho verão.

Eu pego e chupo.

– Próximo!



CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

Dentro (e fora) do pornô com Carlos Caballero

[FALO] Olá Carlos! Gostaria que você se apresentasse para os nossos leitores.

[Carlos Caballero] Olá a todos! Sou Carlos, tenho 51 anos e nasci em Santa Catarina. Vim para Barcelona com 22 anos. Na verdade, eu fugi pra cá.

Como assim?

Eram tempos obscuros, bastante complicados no início dos anos 1990... Ser abertamente gay, ainda mais em uma cidade pequena do sul do Brasil, no começo da AIDS... a comunidade gay estava no foco da atenção. Ser gay era sinônimo de ser degenerado, promíscuo, que trazia uma doença maldita que matava... e muito! Comecei a ir nas baladas gay aos 18 anos. Madonna era tudo! Mas a única discoteca gay não era na minha cidade, então, era uma odisséia, ia escondido! Minha vida naquela época era viver na sombra... Em uma família super católica... Sinceramente, me sentia afogado. Um dia escutei em casa a célebre frase “prefiro ter um filho drogado do que ter um filho gay”. Essa foi uma de tantas que me partiu a alma. Não me considero uma vítima, mas desde a infância, escutando insultos tipo “Viado! Bichona!”, parecia que não iria melhorar. Vivia mentindo sobre minha forma de viver... pra todos e pra mim também. Eu ia começar o último ano de Economia na faculdade, mas já trabalhava na área portuária e tinha alguma informação sobre Barcelona e Valencia. Decidi tentar mesmo falando pouco espanhol. Só que a Catalunha é um estado diferente do resto da Espanha. E, quando se chega no local, é outra realidade. Cheguei em Barcelona em 1994, sem saber que no ano anterior teve uma crise enorme na Espanha. Tentei trabalhar em tudo, nas agências marítimas...

Dentro da sua área?

Sim. Foi um início bem complicado. Comecei a trabalhar à noite, nas discotecas, porque era mais fácil conseguir vaga. Depois de quase três anos, consegui o documento de moradia na Europa. E, depois de dez anos, consegui nacionalidade, passaporte europeu, e finalmente tudo mudou. Comecei a trabalhar de dia com decoração, fiz vitrines de loja. Mas sempre fui muito “cu inquieto”, tentando conseguir outras coisas e acabei encontrando o pornô. Aliás... foram eles que me encontraram.





Era 2003, 2004... Um dia, um americano educado e gentil que falava português e espanhol me perguntou através de um site de relacionamento se eu já tinha feito pornô! [risos] Morri de rir! Nem consumia pornô de tão inocente que eu era! [risos]. Não sabia nada da indústria, nem atores, diretores ou produtoras! Perguntei quanto pagava e ele disse que eram 1.500 euros por cena! Nossa! Naquela época eu tinha que trabalhar como vitrinista por 6 dias na semana durante 1 mês e meio pra ganhar isso! [risos] Vale dizer que, antigamente, a cena começava com uma pequena história e terminava na gozada. Se começasse outra história com outra pessoa ou outro grupo era outra cena e mais 1.500 euros. Hoje em dia as pessoas querem ser famosas, mas antes se buscava o dinheiro independente da fama. A fama era uma consequência do seu trabalho. Então, não tive muita dúvida: queria ganhar mais dinheiro para ter uma vida melhor.

As cenas poderiam levar 2 ou 5 horas?

Poderia levar até mais tempo. Depende do diretor, da produtora e da história que será contada. Quanto mais detalhes, mais horas ou dias de gravação, até dias, como o cinema convencional. Se tem seção de fotos, soma ainda mais horas.

Então, eles falaram “Vamos te ver”, só que eu pensei “ah, eles querem transar comigo” [risos]. Como eu nunca tive problema em ficar nu, fui no teste. Eles pediram para tirar a roupa, virar de costas e tal. No fim, disseram “se quiser, a gente grava amanhã”. Nem dormi naquela noite! [risos] Mas, na verdade, foi bem fácil. Sempre gostei de atuar. Quando fiz teatro, achava incrível criar um personagem, contar uma história...

Deixa eu te interromper: por que você foi fazer Economia? Trabalhou com decoração, gosta de atuar...

Eu só tinha 18 anos. Fiz o vestibular para Federal em Arquitetura, mas não consegui entrar. Ao mesmo tempo, tentei Economia em uma universidade privada por sugestão do meu chefe naquela época, porque era mais fácil entrar. Eu era bom em matemática e física, mas era um monte de livro pra ler, bem diferente do que se imagina.

Mas você se considera um artista?

Artista é uma palavra grande e tenho muito respeito... mas sim, dentro de mim eu sei que sou um artista e não quero fingir uma falsa modéstia. Pornô é arte visual, uma expressão artística, sem dúvida, se bem feita, com roteiro e sensibilidade. Todo dia recebo mensagens de fãs agradecidos pelo meu trabalho, tanto fotográfico como na direção.



Kristen Bjorn
KRISTENBJORN.COM

Você respondeu “dentro do pornô”. E fora? Você consegue se enxergar como um artista independente do pornô?

Sim. Como eu falei, sou mesmo um “cu inquieto”... Sou fotógrafo, faço diferentes trabalhos, desde dirigir clipes musicais a trabalhos de artes florais. Até altar de igreja, eu já desenhei! Ninguém acredita! [risos] O pornô é muito quadrado dentro do formato dele. Faz 4 anos que sou um dos diretores da produtora Kristen Bjorn, e há 10 anos sou diretor de casting. Quando você está dentro de uma produtora que tem mais de 30 anos de mercado, você tem que dar o que o cliente espera. O target já está feito. Você não pode fazer outro tipo... quem paga, manda. Mesmo tentando fazer algo artístico, você tem que lembrar: não é erótico, é pornô.

O que é erótico e o que é pornô? Qual o protocolo da indústria para definir esses tons?

O erótico provoca uma ideia do que pode acontecer. Você pode ter dois modelos nus com pinto flácido apenas abraçados... você pode imaginar. No pornô, você não tem essa possibilidade. Você vai ver o que vai acontecer, é gráfico, é explícito. Quantos filmes existem que só tem a ideia do que está acontecendo? Atração Fatal, por exemplo... aquela cena que eles estão fudendo na cozinha. Aquilo é erótico porque você não vê a penetração, você só intui. Seria pornográfico se aparecesse o genital...

Não só o genital. Já tem um monte de filme em Hollywood com homem nu, mas a ereção...

Isso. Um rapaz com volume marcando dentro de uma sunga apertada pode ser mais desejoso do que um homem saindo da água nu com o pinto gigante de fora. Pra ser pornográfico, aí tem que estar o pinto duro, ou se masturbando... Aí vira filme de 18 anos.

Você entrou como ator e fez a passagem para trás das câmeras. Como foi essa decisão?

Cheguei a trabalhar na frente e atrás da câmera ao mesmo tempo! [risos] Com os anos fui descobrindo a minha paixão pela fotografia. Aprendi a maneira artística de mostrar um beijo, uma chupada, uma lambida... Um movimento de câmera, as luzes... e agradeço a Kristen por me orientar nesse caminho. Agradeço também a



Stronboli, que me ensinou tudo sobre o mundo da produção, até mesmo passar os cabos dos flashes! [risos] Começar em algo novo em um ambiente criativo é super legal. Me sinto mais confortável por trás das câmeras. Já são muitos anos!

Me parecia incrível que antes nós filmávamos de trás pra frente. Imagine uma dupla penetração em um grupo de 6 pessoas, com camisinha, viagra, diferentes ângulos... As gozadas eram as primeiras gravações logo no primeiro dia. O segundo dia era para chupadas e o terceiro dia para cenas da história como, andar a cavalo na praia ou de jet ski. Às vezes, os meninos não sabiam montar num cavalo ou pilotar jet ski, então, tinha que contratar alguém para ensinar.

Tem que ter alguém de continuidade, não? Alguém tem que saber como estava o cenário ou o pessoal da edição vai sofrer!



O roteiro segura isso. Antes da gente viajar, já estava tudo pensado porque não se pode perder tempo.

Então, como você já sabia fazer tudo, você era sempre chamado...

Mais ou menos. Ter trabalhado na frente da câmera me dá muito mais visão do que está acontecendo quando eu estou atrás dela. Eu noto em segundos se tem algo errado acontecendo. Quando gravo, eu corrijo a postura das pessoas, porque uma pequena mudança pode fazer a diferença. Para ver a penetração bem, não é qualquer postura. Se você está fudendo na sua casa, você pode ficar de qualquer maneira, mas, num set de filmagem, o mundo tem que ver o que você está fazendo. Se, como diretor ou câmera, eu não vejo, ninguém vai ver. Eu preciso ver. Essa é a minha função de direção de arte. Ainda dou aulas de postura natural, principalmente para os novos atores.

Às vezes, os meninos estão ali somente pelo dinheiro, e tudo bem, mas não tem química entre eles. Então, eu converso com eles. Mesmo um bom ator, precisa de um diretor para manter o ritmo ou encaminhar a cena para que a coisa termine bem. E eu me considero profissional. Não fico de pau duro quando estou gravando. Estou pensando na luz, na postura, no ângulo. Não há prazer. É um negócio, fazemos por dinheiro.

Te pergunto, então, sobre os incríveis vídeos de bastidores que você costuma publicar nas redes, pois eles mostram tanto o Carlos artista quanto o lado humano dos envolvidos no pornô que a maioria das pessoas esquece. Esses vídeos são desses momentos de conversa para dar uma agitada ou é uma decisão de marketing nesse novo mundo das redes sociais?



Pra marketing, o que funciona é parte da foda. Eu já gravava esses vídeos de bastidores há 15 anos com câmera profissional. Bem antes do celular. O site já tinha uma área para isso. Na frente das câmeras, os atores estão vendendo a parte mais íntima deles, os suspiros, a respiração, a expressão corporal, o suor... Imagina você nem pensar em beijar uma pessoa e de repente você está com o pinto dela na boca, enquanto você está com fome ou com dor de dente. Você não está a fim de fuder!

Então, tem essa parte humana que está atrás das câmeras, quando não tem atuação, é bem mais natural. Já tive uma discussão com um ator profissional de teatro que disse que ator pornô não é ator. É injusto. Muitos são atores sim, mesmo sem ter tido preparo. Mas a câmera não mente, ela capta todos os gestos do rosto. Tem que ser bom ator para transmitir a sensação de prazer através da câmera.

Tem que transpassar a câmera e convencer o espectador que você está gostando. Tem os atores que exageram... e eu tenho que controlar um pouco e dizer "menos, menos"...

Tem vários fatores humanos por trás de uma foda, mas as pessoas só veem a foda. Esquecem que são duas pessoas com problemas e questões, mas estão ali atuando pra você. É assim na TV ou com atletas... que estão ali dando o melhor possível.

Me tira uma dúvida: é verdade ou lenda que o tamanho do pinto importa na pornografia, já que quanto maior, mais distância você tem do corpo e, assim, mais espaço para a câmera entrar?

Importa!! [risos] Assim como o tamanho da bunda! [risos] Uma bunda enorme pode engolir um pinto mediano de 19 cm e você não vai ver nada, vai ficar limitado e conseguir 4 ou 5 poses reais. Pau grande e uma bunda normal é melhor

Adquira sua edição especial da **Falo Real** para saber tudo sobre o tamanho do pênis.

de gravar porque te dá mais alternativas de posturas e de ângulo de iluminação. Inclusive dá pra usar uma luz somente para a penetração.

Eu ri aqui com você falando de um "pau mediano de 19 cm"... 19 é gigantesco, Carlos!

Desculpa a todos que tenham um pau de 19 cm, mas, no mundo do pornô, consideramos mediano. Um pau grande fica entre 20 e 22 cm. A partir de 24 cm é extra large. Acredite... eu já vi muitos muitos paus. [risos]

Mas, afinal, no pornô, tem um tamanho mínimo de pau?

Isso toca um pouco na parte comercial. Um rapaz bonito, que tenha atitude e um pinto grande vai ser muito mais comercial do que um rapaz não tão bonito, que tenha uma atitude não muito boa ou um pinto pequeno. Essa é a realidade. Os porn stars mais famosos tem as três características: visual, atitude e tamanho. Também tem aqueles que se destacam sem a gente saber o porquê. Mesmo carecendo de uma dessas características, eles obtêm êxito de forma natural, porque o gosto das pessoas muda muito. Quando comecei, todos eram depilados, sem barba. Depois começaram as barbas, hoje já estão todos peludos do pé a cabeça!

E tem os ursos!

Sim, todo tipo de ursos! Grandes, pequenos, mais velhos, jovens... tem os caçadores de ursos (chasers)... bom é um mundo com muitas combinações. [risos] Sempre tem espaço pra todo mundo a partir do momento que tem alguém disposto a pagar para ver aquele tipo de conteúdo. Claro que existe pornô feito com atores de pinto pequeno, mas é para uma minoria, na minha opinião. Existem até atores héteros no mundo pornô gay. Por exemplo, na Belami, a maioria são héteros. Diz ação e eles se beijam, chupam cu, fodem deliciosamente, mas tudo só na frente das câmeras.

Como você disse: são atores.





76

Só na hora de gozar que pegam filmes com bujetas para se masturbarem. Ai entravam na cena outra vez e a gente gravava só a gozada. Não nos enganemos: tem um mercado por trás disso. A indústria não faz por prazer.

Perguntei sobre o tamanho, pensando na história do pornô. Será que ao longo da história as pessoas foram buscando pintos maiores para facilitar o trabalho do câmera, do vídeo... ou será que é um desejo eterno pelo grande falo?

Não é pra facilitar a câmera. O desejo de ver um pinto grande é natural, sempre vai existir, mas a igreja limitou, limitou, limitou e o pinto foi sendo cortado e ficando pequeno...

Literalmente! A igreja até quebrava estátua!

Ou colocava uma folhinha de uva! Mas o desejo está sempre aí.

A indústria é capaz de mexer nos desejos do público ou ela fica sempre a mercê do que o público quer?

Um pouco de cada. Quanto mais pornô os meninos vão fazendo, mais eles aprendem a atuar e interagir. E isso pode levar à perfeição que vai atingir o público. Conheço um porn star hoje que começou fora do target e aprendeu a ser. A produtora pode tentar, mas o ator tem que buscar isso. Tem meninos super queridos, agradáveis e tal... mas não funcionam comercialmente. O público não quer vê-los. A internet dá uma estatística muito forte e temos como saber o que o público está querendo.

Por exemplo, quando comecei, tinham duas distribuidoras principais nos Estados Unidos que se negavam a distribuir filmes que tivessem um passivo atado pelos braços, pois, para elas, o pornô deve ser consentido. Agora mudou bastante. O OnlyFans manteve essa regra, porque o Pornhub teve um grande problema após as imagens de sexo de uma moça bêbada na plataforma.

Mesmo que o roteiro fosse de fetiches, ou BDSM, por exemplo? A distribuidora se negaria?

Sim. Hoje mudou tudo porque não se vende mais DVD. Eles ainda são produzidos porque existem colecionadores, mas a venda é direta. Veja... 40% de cada DVD era para pagar aos distribuidores, mais a prensagem, a capa etc. Isso não existe mais.

Voltando ao Carlos artista... Você já pensou em criar seus próprios vídeos fora do protocolo da indústria, com mais arte ou mais narrativa?

Abri um OnlyFans (MyStallions) como diretor para experimentar a plataforma, para produzir material com uma visão diferente ao meu trabalho na produtora. Mas tenho que dizer que é algo frustrante. Não acho que o mercado busca esse tipo de pornô. De uns cinco anos pra cá, a maneira de consumir pornô mudou. As pessoas querem fast food... comida pronta pra levar, desembalar e comer. Tudo muito rápido, vão direto ao que querem ver, adiantam o filme para

as chupadas ou para a penetração. Não sei no Brasil, mas a crise começou quando sites piratas começaram a roubar digitalmente pedaços dos filmes. As pessoas pararam de comprar e daí começou o declive das histórias no pornô. Passou a ser difícil recuperar o investimento inicial e passaram a gravar somente as cenas de sexo em si. Ao invés de filmes de 2 horas, passou a ser cenas de 30 minutos.

Quem gosta de qualidade, vai procurar em outro lugar. Só que hoje as pessoas mais novas estão perdendo ainda mais o interesse... Olha TikTok, Instagram... Em menos de 20 segundos, já decidem ver outro conteúdo. Se conseguem ver 40 segundos de um vídeo, é porque estão realmente interessadas! Essa rapidez de visualização desgasta a parte artística, que leva tempo pra fazer e não recebe o devido valor ou é percebido. Por isso, o OnlyFans está cada vez maior... Vem e resolve.





Entendi que lá são “amadores profissionais”, mais preocupados com a imagem do que com a ação. São inúmeros filtros, tira foto e apaga...

O que isso difere da indústria?

Não é melhor ou pior. Se você faz algo que alguém paga, que tem um mercado de forma lícita, eu não tenho problemas com isso. Mas está se profissionalizando a baixa qualidade da produção.

Você tem algum conselho para quem está querendo começar na indústria como ator?

Muita gente acha que pornô é a foda da vida, que você vai estar com os homens mais lindos do mundo... e de repente você vê que o pornô profissional é trabalho pesado! Hoje até tem mercado pra todo mundo, todo mundo pode ser desejado, todo tipo de corpo pode fazer uma foto bonita. Mas é preciso encontrar

as pessoas que estão dispostas a pagar pra ver você! Tem que buscar a fórmula para você conseguir transmitir esse desejo para as pessoas que querem te ver. A partir do momento que você consegue esse desejo, você já pode entrar no mercado. Hoje é tão fácil... É só abrir um Twitter! Até o TikTok permite pinto balançando dentro da calça!

E qual seria o seu conselho para quem quer ser um fotógrafo, um câmera, um diretor dentro da indústria pornográfica?

Se não tiver um bom mestre ao teu lado, o melhor é estudar fotografia numa boa escola. Tem que ter base de luz, ângulos, composição, parte teórica e técnica. Tire muitas, muitas fotos, pois a prática te leva ao domínio. Você conhece o Mariano Vivanco*?

Sim.

* Fotógrafo da Vanity Fair que já fotografou Lady Gaga, Rihanna e outras celebridades.

Tive o prazer de conhecê-lo em Ibiza e ele falou comigo “Adoro as tuas fotos porque você conseguiu que se reconheça que é uma foto feita por você”. Ou seja, eu tenho um estilo próprio. Um fotógrafo precisa criar o próprio estilo. Não adianta ficar tentando copiar o outro, porque você não terá o mesmo modelo, a mesma câmera, a mesma luz... É preciso anos de prática. Através do tempo você vai criando seu estilo e as pessoas começam a gostar.

A indústria pornográfica ainda tem um estigma. A Arte está tentando trazer o Pós-Pornô dar uma outra visão à pornografia, mas ainda existe um preconceito. Como um novato na área deve encarar isso?

O pornô é arte? Talvez sim. É uma forma artística de ver duas pessoas fazendo sexo? Pode ser, por que não? Quase ninguém quer realmente se dedicar ao pornô exatamente por conta desses estigmas que estão há muitos anos na cabeça da sociedade. A maior parte dos estudantes de fotografia vão para a publicidade, para o fashion, para o jornalismo... Como se o pornô baixasse o nível, te deixasse degradado.

O preconceito está na cabeça das pessoas e a gente não pode entrar na cabeça delas, muito menos que todo mundo aceite. Seria muito pretensioso. Mas não tem um juiz pior do que a própria pessoa que te vê. Quando você vê maldade em dois homens se beijando em público, o preconceito está em você e não nas pessoas que estão se beijando. São os olhos que julgam. Eu trabalho no pornô porque eu gosto e pelo negócio, mas sei que tem gente que não gosta. Se eu tivesse preconceito, não faria.

Recentemente, houve eleições para prefeituras na Espanha e um ex-ator pornô venceu por um partido de direita. As pessoas não se importaram pelo que ele fez no passado porque não tem preconceito. Em outra cidade mais conservadora, talvez ele não tivesse sido eleito, entende? Um ator de filmes para adultos não é diferente de ninguém. Só tem um trabalho peculiar. Nada mais.

Agradeço muito pela entrevista, Carlos!

São muitos anos de carreira! [risos] Não costumo conceder entrevistas, mas você foi sempre cordial comigo nas redes. O passado sempre vai fazer parte de mim, mas eu nunca vou brilhar com o brilho do passado. O presente é muito importante, é o agora. Obrigado! Foi um prazer te conhecer!

8=D



Em torno do Falo freudiano

por Filipe Chagas



O fascínio pelo fascinante falo!

A imagem de um pênis era bastante familiar no cotidiano das antigas civilizações, fosse grega, etrusca, romana ou egípcia. Podia ser encontrada em muros, joias, sinos, máscaras e utensílios domésticos, simbolizando a fertilidade e a capacidade tanto de trazer boa sorte quanto de afastar o azar e o mau-olhado. Os antigos viam no falo um objeto poderoso, perpetuador da vida de todas as espécies do planeta e neutralizador das coisas ruins. O culto ao falo era comum e, por sua ligação com a fecundidade, supervalorizou-se sua associação à sexualidade: sem a veneração ao objeto fálico, a virilidade ficaria ameaçada.

Daí se configura a noção de “falo” do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), como uma articulação do pênis enquanto representante de autoridade e desejo. Inclusive, chega a dizer que “o que está presente não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo”. Freud sustenta a diferença entre a presença e a ausência do órgão genital como uma representação psíquica imaginária e simbólica de poder, construída a partir do pênis ereto (“falo”, em grego, designa o pênis em estado ereto).

Para o psicanalista, a ideia de “castração” e “inveja do pênis” surge na infância da diferença anatômica entre meninos e meninas, e se transforma em identificação social, limites, repressões e relações de poder. Ele estabelece a masculinidade como referência primeva na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual e, portanto, não existe a feminilidade: a antítese ocorre entre fálico (presente) e castrado (ausente) e a vagina é nada mais do que um “falo invertido” e o clitóris um “pênis reduzido”. Ou seja, toda a problemática que envolve o desenvolvimento da sexualidade não é determinada pelo biológico, mas é preciso levar em consideração o corpo e a interpretação que se faz dele. Diante disso, sempre há as implicações psíquicas do ter (que instaura a possibilidade de poder perder) ou não ter uns centímetros de corpo a mais (que faz supor uma possibilidade de prazer a mais).

NOTA DO EDITOR:
Esse artigo passa de forma superficial pelos complexos conceitos freudianos de forma a dar um panorama geral sobre o assunto.

Agradecimento especial ao meu psicanalista André Kummer e ao meu amigo e psicólogo da *Falo*, Rígle Guimarães, pela revisão conceitual deste artigo.

A placa *HIC HABITAT FELICITAS* (“A felicidade mora aqui”) foi encontrada originalmente sobre o forno de um padeiro de Pompeia para espantar os maus espíritos. No século 20, foi transferida para o “Gabinete de Objetos Obscenos” do Museu Arqueológico de Nápoles.



É também nessa noção de “falo” – descrita em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) – que Freud descreve a libido, a força motivadora que impulsiona o comportamento humano desde o nascimento e está relacionada às pulsões sexuais. Afirmava que a libido é uma energia fluida que pode ser desviada para outros objetos ou atividades, além das relações sexuais, como, por exemplo, para atividades criativas ou produtivas. Portanto, a libido não se limitava apenas à expressão física do prazer sexual adulto, mas também incluía aspectos emocionais e psicológicos relacionados à busca de prazer, satisfação e vínculos interpessoais.

1: FASE ORAL

Esta é a primeira fase do desenvolvimento psicosssexual, teorizado por Freud, que ocorre desde o nascimento até cerca de um ano de idade. Durante essa fase, o foco da gratificação está na boca e nos processos de alimentação. A criança obtém prazer através da sucção, mordida e manipulação oral, não só pelo saciar da fome. Em busca desse prazer, bebês levam à boca praticamente tudo que encontram (até conhecerem a chupeta, o simulacro quase perfeito). O desenvolvimento saudável nessa fase envolve aprender a equilibrar a dependência inicial do seio materno com a autonomia crescente.

Sendo assim, é em torno do falo – enquanto possibilidade de perdê-lo ou na vontade de tê-lo – que Freud organiza a questão da sexualidade humana. Para ele, a libido é direcionada para diferentes áreas do corpo e fases de prazer ao longo da vida. São elas: a Fase Oral, a Fase Anal, a Fase Fálica, a Fase Latente (ou Período de Latência) e a Fase Genital. É importante observar que esses estágios não são etapas rígidas e lineares, mas sim conceitos teóricos que ajudariam a compreender as dinâmicas psicosssexuais ao longo do tempo.

2: FASE ANAL

A *Fase Anal* ocorre de aproximadamente 18 meses aos 3 anos de idade. Nessa fase, a criança está aprendendo a controlar seus esfíncteres e a lidar com questões de controle e isso pode ter um impacto duradouro na personalidade da criança. Postulou duas atitudes possíveis: a “fixação anal retentiva”, em que a criança retém as fezes como uma forma de controle narcisista, e a “fixação anal expulsiva”, em que a criança obtém prazer em liberar as fezes sem controle. Segundo Freud, a satisfação obtida nessa fase está relacionada à gratificação libidinal, ou seja, à energia psíquica sexual. O psicanalista argumentava que era uma das primeiras manifestações da sexualidade infantil, ainda que rudimentar e focalizada nas funções corporais. Ele considerava que a zona erógena durante essa fase era o ânus, e o prazer experimentado pela criança na exploração anal estava relacionado à estimulação dessa área. É comum que algumas atitudes rígidas ou repressivas em relação à função dos esfíncteres durante esta fase possam ter efeitos psicológicos mais amplos, como a associação negativa com a sexualidade anal ou a repressão de expressões sexuais anais, mais especificamente, a ideia do ânus como algo sujo.

3: FASE FÁLICA

A *Fase Fálica* é talvez a mais desenvolvida por Freud. Ela ocorre por volta dos 3 aos 6 anos de idade, quando a criança passa a explorar o próprio corpo e a ter um interesse particular na região genital, podendo descobrir sensações prazerosas como resposta fisiológica natural ao estímulo, sem qualquer conotação erótica.

É nesta fase que também surgem inúmeras perguntas sobre os genitais, pois acontece a percepção das diferenças anatômicas entre os sexos. Envolve, portanto, uma questão de identificação corporal e do desenvolvimento de uma compreensão gradual de sua própria identidade sexual, quando buscam incorporar características e comportamentos associados ao gênero de um dos genitores.

Apesar da teoria de Freud não fornecer explicações sobre a experiência de ser cisgênero ou transgênero, essa identificação faz parte de um processo de formação da identidade e a internalização de valores e normas sociais. No entanto, a identidade de gênero é uma profunda vivência interna e particular, estando também relacionada à forma como uma pessoa se sente e se expressa em relação ao seu gênero, não sendo determinada exclusivamente pela anatomia sexual ou pela fase de desenvolvimento psicosssexual.

É durante a *Fase Fálica* que ocorrem os complexos de Édipo e Electra, que envolvem sentimentos, e fantasias (amorosas e hostis) em relação aos genitores. O complexo de Édipo refere-se ao desejo incestuoso inconsciente de um menino pela figura materna, criando uma rivalidade com o pai. Na disputa por atenção e no processo de identificação para se tornar um objeto de desejo, o menino se masturbaria a partir de fantasias incestuosas, contudo, as ameaças de castração o fazem temer a perda de seu órgão. No complexo de Electra*, o

confronto com a diferença anatômica faz a menina identificar a castração na mãe e a culpar por fazê-la também castrada, dirige-se, assim, amorosamente para o pai, o portador do falo. Freud afirma que a situação feminina só se concretiza se o desejo de possuir um pênis for substituído pelo desejo de ter um bebê, um substituto fálico simbólico.

Atitudes rígidas ou repressoras dos pais (ou cuidadores) em relação à sexualidade da criança, pode levar a vários efeitos psicológicos negativos que dificultarão a formação da identidade sexual, tais como sentimentos de vergonha e culpa por seus desejos e curiosidades sexuais naturais, repressão da expressão sexual (a criança aprenderá a suprimir ou negar seus desejos) e/ou desenvolvimento de crenças distorcidas sobre si mesma e sobre a sexualidade em geral (como sexo ser algo sujo, errado ou pecaminoso).

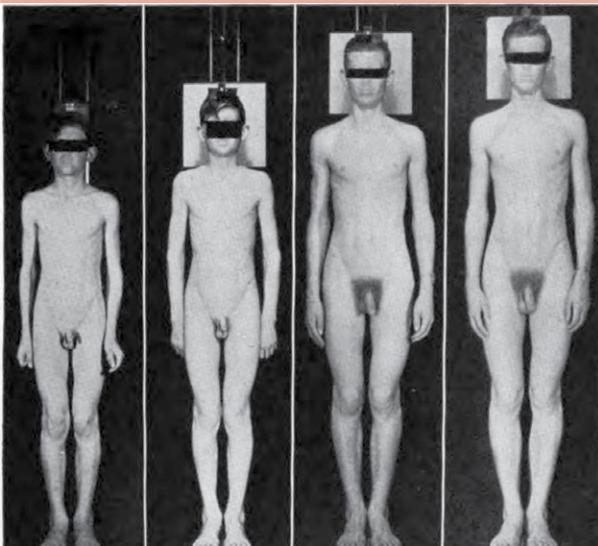
É importante notar que a curiosidade sexual e a exploração do corpo também podem se estender à curiosidade sobre o corpo dos outros, de seus pares, irmãos ou pais, por exemplo. Isso pode manifestar-se como perguntas, observação ou até mesmo brincadeiras exploratórias. Então, torna-se imprescindível uma abordagem saudável nesta fase. Isso envolve fornecer informações adequadas para a idade, dar orientações sobre respeito e consentimento dentro dos limites de privacidade e oferecer um ambiente seguro e acolhedor para a exploração da sexualidade.

* Freud indica um “Édipo invertido” para as meninas, já que suas teorias sobre a sexualidade sempre foram desenvolvidas a partir do homem. Foi o psicanalista Carl Jung (1875-1961) que se referenciou ao mito grego de Electra.



4: FASE LATENTE

A *Fase Latente* ocorre aproximadamente entre os 6 anos de idade e a puberdade. Durante esse período – comumente associado ao período escolar –, há uma diminuição do interesse sexual manifesto, um esvaziamento das dinâmicas familiares complexas e a energia libidinal é direcionada para atividades sociais, educacionais e de amizade. É um período de estabilização e desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e físicas.



5: FASE GENITAL

A última fase do desenvolvimento psicosexual, a *Fase Genital*, começa na puberdade (por volta dos 11 anos) e se estende pela idade adulta. Com a maturação sexual, o foco da energia libidinal retorna para a sexualidade, porém, ao invés de narcísica (voltada para si), ela passa para o outro fora do núcleo familiar. A identidade infantil é deixada para trás e a pulsão sexual leva à busca do prazer através de relacionamentos com um(a) parceiro(a) de mesma idade ou adulto(a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria psicanalítica de Freud é apenas uma das muitas perspectivas para compreender a orientação sexual e o desenvolvimento humano. Embora tenha tido uma influência significativa na história da psicologia, suas ideias são objeto de debate e crítica ao longo do tempo (principalmente por ser machista, patriarcal, falocêntrica e excessivamente sexual, já que se tratava de um homem do final do século 19 e início do século 20). A própria filha de Freud, Anna, também psicanalista, ampliou a compreensão da fase fálica ao destacar a importância das defesas psicológicas utilizadas pelas crianças para lidar com conflitos, como a identificação com o genitor do mesmo sexo. Além disso, ela explorou o impacto das experiências traumáticas na infância e sua influência nas fases do desenvolvimento.

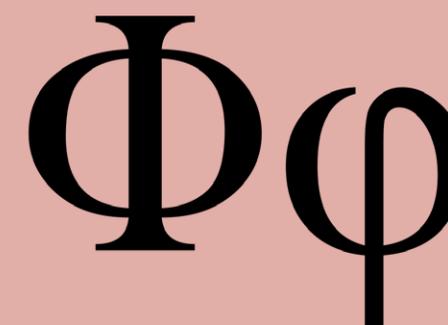
A psicanalista britânica Melanie Klein (1895-1982) acreditava que os estágios iniciais do desenvolvimento psicosexual ocorriam muito antes do que Freud havia proposto. Por exemplo, para ela, a fase anal ocorre nos primeiros meses de vida da criança, e a fase fálica, logo nos primeiros anos. Portanto, em um “Complexo de Édipo Precoce”, a criança imagina que o pênis, ou o pai, faz parte da mãe (fantasia dos pais combinados), idealizando que ela contém tudo o que é desejável. Sendo assim, o desejo de união genital seria uma tentativa de recuperar a relação primitiva com o seio. Na teoria kleiniana, pai é um sujeito alternativo internalizado pela mãe: o pênis é um substituto do seio materno.

Já o psicanalista e psicólogo alemão Erik Erikson (1902-1994) descreveu a fase anal como um estágio de “Vontade Autônoma vs. Vergonha e Dúvida”, onde as crianças desenvolvem habilidades de controle e autonomia. Sua fase fálica é descrita como o estágio de “Iniciativa vs. Culpa”, onde as crianças confrontam sua curiosidade com questões de poder. Também estabeleceu o estágio da “Crise de Identidade vs. Confusão de Identidade”, que ocorre durante a adolescência, abordando questões de identidade e orientação sexual.

O psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) desenvolveu a ideia de “falo” como um objeto primordial do desejo que começa no imaginário e termina no simbólico. No texto *A significação do falo* (1958), Lacan problematiza a primazia fálica na estruturação sexual tanto do homem quanto da mulher e argumenta enfaticamente que a relação do sujeito com o falo se estabelece sem considerar a distinção anatômica entre os sexos. Porém, tal como Freud, demarcou que o falo enquanto significante tem uma função constitutiva, pois introduz o sujeito em sua existência e em sua posição sexual, e acaba defendendo a ausência fálica como abordagem para a feminilidade. Para se afastar das “querelas freudianas do falo”, como ele dizia, não adotou o uso explícito dos termos “Fase Fálica” e “Fase Anal” em seu trabalho, mas introduziu a noção da “Busca pelos Objetos Perdidos” – o seio (atenção e cuidado), o ânus (controle e autonomia), a voz (comunicação, compreensão e conexão) e o olhar (reconhecimento do outro) – e sua relação com o fenômeno da angústia, sendo o falo a falta primordial, a incompletude, a busca constante por satisfação.

Eugene Monick (1929-2007), em seu livro *Falo: A sagrada imagem do masculino* (1987), contesta os cânones freudianos e lacanianos por uma abordagem junguiana, onde o falo é sim um pênis, porém carregado de simbologias e mitologias. Embora também seja um homem cis, branco, hétero e europeu, Monick descarta o patriarcalismo em busca de um arquétipo de masculinidade.

Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. – Lacan



CURIOSIDADE

Lacan utilizou a 21ª letra do alfabeto grego, o *fi* maiúsculo para representar o Falo simbólico. Já o *fi* minúsculo simboliza a castração – e, curiosamente, a Filosofia. Pronuncia-se como um *p* aspirado /*ph*/ e tornou-se a letra *F* no grego moderno.

É também importante destacar que a teoria freudiana foi desenvolvida em uma época de crescente feminismo e que a homossexualidade era amplamente estigmatizada. Para Freud, a homossexualidade (ou inversão) se daria na Fase Latente, onde o esvaziamento do Complexo de Édipo se resultaria numa decepção tão grande com o pai que o menino voltaria seu processo de identificação para a figura materna. O psicanalista descrevia a homossexualidade como um desvio sexual, uma parafilia, sem que isso fosse de forma alguma pejorativo. Era apenas uma forma perversa de sexualidade, e, por isso, ele queria dizer “prazer diferente da norma”. Inclusive não via problema no sexo anal: “É o nojo do órgão excretor traseiro que marca como uma perversão degenerada, mas isso seria o mesmo com relação ao pênis como órgão excretor frontal”, teria dito. Na verdade, o psicanalista foi além e afirmou que a humanidade é bissexual e que não há cura para o que não é doença.

86

A homossexualidade não é uma vantagem, evidentemente, mas nada há nela que se deva ter vergonha: não é um vício nem um aviltamento, nem se pode qualificá-la de doença. Diversos indivíduos respeitáveis, nos tempos antigos e modernos, foram homossexuais, e dentre eles encontramos alguns dos maiores de nossos grandes homens (Platão, Da Vinci etc). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime, além de ser uma crueldade. – Freud



Arte digital de Gustavo Marcasse, 2021.

A compreensão contemporânea das orientações sexuais reconhece que dinâmicas familiares (como os complexos de Édipo e Electra) não são fatores preponderantes. A psicanálise moderna, embasada pelas teorias queer, entende que a identidade de gênero e a orientação sexual são multifacetadas e complexas, envolvendo fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Portanto, é importante considerar essas perspectivas mais amplas ao discutir o desenvolvimento psicosssexual.

O árduo ideal seria abordar a sexualidade através de uma educação sexual saudável, livre de tabus e estigmas, para promover o desenvolvimento saudável e uma compreensão positiva da sexualidade humana em todas as fases do desenvolvimento. Mas ainda estamos longe disso. Cabe a nós o conhecimento individual para que possamos ser sexualmente positivos. E isso não significa sair transando com qualquer um em qualquer lugar a qualquer hora. Não significa nem que você deve fazer ou gostar de sexo. Ser sexualmente positivo simplesmente significa que você deve ter a cabeça aberta, sem julgamentos, com relação ao sexo e, principalmente, com as preferências sexuais alheias. Ou seja, aceitemos e encorajemos a diversidade e a liberdade sexual, o direito individual de se obter prazer com responsabilidade emocional e consentimento. Assim, fica mais fácil conversar sobre o assunto e aprender mais e melhor. **8=D**

87

AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



Contos do Falo

AULA DE CONVERSAÇÃO

O professor resolveu inovar. Isto não ia dar muito certo, mas ele queria movimentar as aulas. Tudo muito parado. Os velhinhos quase dormindo (se inscreveram no curso para desenferrujar o inglês mal aprendido no ginásio) e os adolescentes entediados (pendurados em seus celulares o tempo todo), uma hora de conversas chuchas e silêncios constrangidos que o professor se esforçava para preencher. Lançou um desafio: cada um de nós traria algumas palavras (“de impacto”, ele disse, mexendo no vespeiro) e a aula seria conversa livre sobre as tais palavras. Para piorar, eu – nem velhinho nem adolescente – fui logo o escolhido para iniciar o jogo.

Na aula seguinte, escrevi no *blackboard*:

- 1) *Darkroom*
- 2) *Gloryhole*
- 3) *Cocksucker*
- 4) *Fistfucking*

A aula foi muito animada, mesmo o professor tendo censurado apagado bem rapidamente as duas últimas expressões. Foram muito engraçadas as interpretações místicas que os velhinhos fizeram para as palavras 1 e 2. E os adolescentes finalmente deixaram de lado seus celulares e cochichavam entre eles.

Na saída, o professor pediu que eu ficasse, queria falar comigo a sós. Que safado.





Havia marcado dias antes de fazer as fotos. No dia combinado, um lindo dia de sol; cheguei, subi e descobri algo maravilhoso: o lugar dava vista para todos os pontos da cidade.

As fotos começaram num tirar de camisa, num tirar de sapatos e meias, num tirar da calça, até estar todo nu.

Aquela câmera, ora era um olho que me devorava; ora uma boca que me engolia. Todas as partes do meu corpo ali, à exposição, à disposição. Miradas, clicadas e... alcançadas. Mas as partes que me deixavam mais feliz eram: minhas coxas peludas, minha peluda bunda, meu olhar de alma safada e meu sexo gostoso.

As fotos pareciam querer ficar boas, tentadoras, desejosas... Tudo em mim crescia, “princiPAUmente” o desejo. O modelo ali, a dispor. E não é trocadilho! (risos)

Terminada a sessão, depois de um grande e lamentado “aaaaah...”, já vestido, quase perto da porta, chamo o fotógrafo para bem de perto falar: “Posso ver?”

Ele: “Meu pinto?”

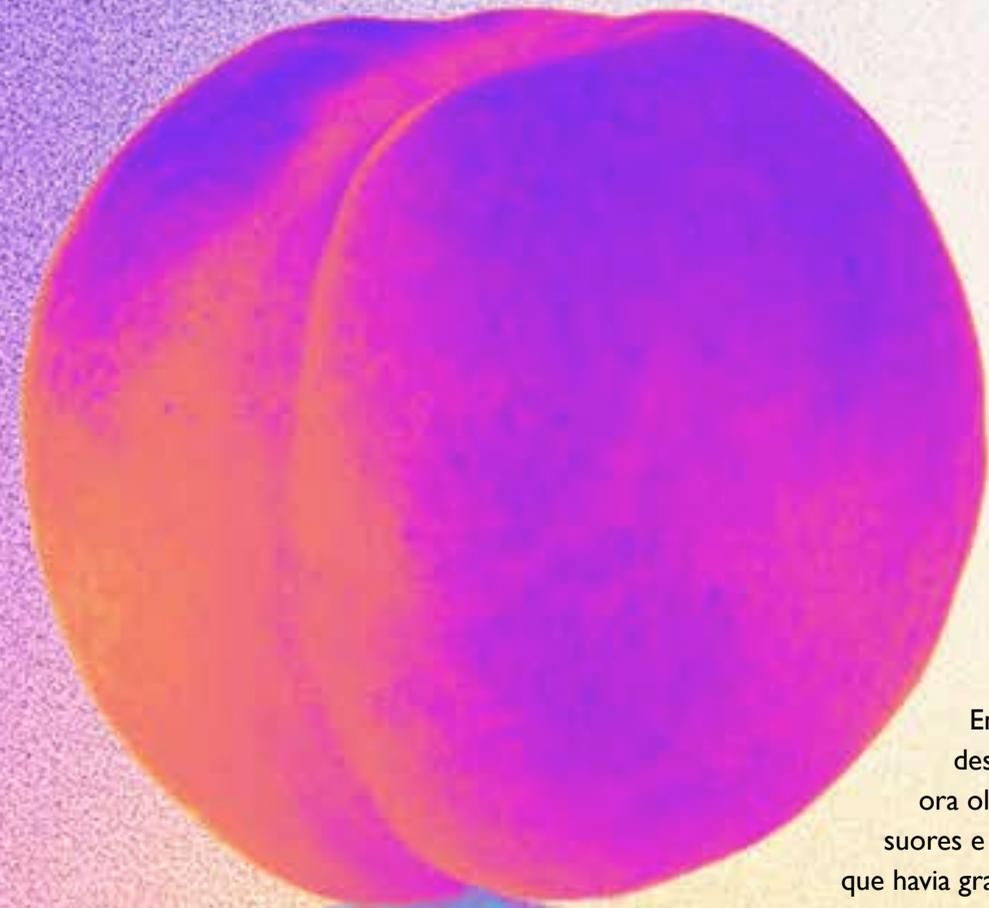
Nem terminou a pergunta e seu belo saco – os ovos! – já estavam maliciosamente em minhas mãos. Numa velocidade da câmera, não perdemos o foco e “num click” já estávamos completamente nus.

Numa gula que nem Dante explicaria, minha língua ganhava vida e, como lagarta, passeava por todo aquele corpo bem lentamente... para sentir de fato o gosto daquele homem. Enquanto isso, seus braços e mãos me apertavam, me envolviam, tateando toda a minha forma e buracos ou saliências que o meu corpo também oferecia.

Após toda fricção de peles, nos beijamos exacerbadamente e num “loop” estávamos nos engolindo um ao outro. O que não cabia em minha boca, também não me sufocava: afinal, a língua tem habilidades que a própria vontade desconhece. E, enquanto tudo de mim cabia naquela boca, dava espaço para que a língua dele saísse, deixando meu sexo solto e molhado ali dentro... passeava pela minha rola, pela pele do meu saco e ia de encontro ao meu cu.

E, nesses movimentos todos, me fez gozar pela primeira vez.

Eu mordendo levemente seu saco, batendo uma punheta para ele gozar na minha cara, ele também o fez. Pela primeira vez.



Enquanto descansávamos, ora olhávamos nossos suores e poros no vídeo que havia gravado; ora fotografávamos nossas caras e expressões do gozo ou pós gozo.

Adormecemos.

Acordamos ainda mais desejosos numa incerteza de não nos vermos mais. Avançamos um no outro, mordemos-nos carinhosamente, engolimos um ao outro mais uma vez, tudo que a vida parecia nos oferecer.

Virei o de bruços, abri suas pernas, chupei seus ovos, lambi seu saco vagorosamente. Passei no seu rego e entrei gostosamente fazendo nós dois gozarmos juntamente pela segunda vez.

A nossa memória fotográfica guardará isso em nós até a próxima em que nossas almas e peles quiserem ser registradas, afinal: O GOZO É O BRINDE DA VIDA.





O que é sexo... PARA VOCÊ?

A sociedade consome sexo da mesma forma que não sabe responder o que é.

É impressionante o tanto de pessoas que busca ajuda psicológica a fim de ajustar a própria sexualidade a ideias e crenças preconcebidas do que seria sexo. Quase sempre essas crenças estão associadas a genitalização, penetração, binarismo (masculino/feminino – ativo/passivo) e sexo performático de filme pornô. Esses formatos também são válidos, mas de modo algum eles são os únicos referenciais do que é sexo.

Nossas crenças sobre sexo estão intrínsecas a normas sociais e culturais que têm por objetivo regular nossos comportamentos. Desse modo, sendo o sexo também uma função biológica, sua adaptação ao contexto sociocultural ao qual estamos inseridos inibe e distorce nossa capacidade de entender e externalizar expressões singulares e individuais da sexualidade.

Se por um lado estamos numa era em que parte das pessoas vivenciam sua sexualidade de forma exposta, mandando nudes ou gravando vídeos



Imagem da internet.

das próprias transas para serem assistidos por outras pessoas; por outro lado, temos uma parcela significativa sentindo-se perdida, insatisfeita, insegura ou desajustada por não cumprir determinadas coisas que nem elas sabem se desejam. Para essa parcela existe só uma certeza: elas precisam melhorar, se ajustar, entrar na norma performática do sexo.

Ao passo que hoje temos muito mais informações sobre o tema sexo, também parece que ele ficou mais atrelado à imagem do que à capacidade individual de permitir sentir prazer da própria maneira. De respeitar os próprios limites, desejos, vulnerabilidades sem necessidade de performar o que é mais visto, curtido, comentado e compartilhado de forma genérica desconsiderando as individualidades, subjetividades e contextos de cada indivíduo.

Existe muita expectativa íntima no cenário sexual que não exatamente tem a ver com os parceiros com os quais se transa. Há pessoas que buscam validação, há quem transe com o intuito de reproduzir e há quem queira, olha só, apenas sentir prazer. Desse modo entende-se que

responder à pergunta “O que é sexo?” demanda um pouco mais de investigação, afinal, envolve diversas questões subjetivas, contextuais e comportamentais.

Sexo é sobre estar bem na própria pele com as próprias limitações ou mesmo exageros, respeitando o outro ou os outros com os quais há envolvimento.

Chegar numa concepção de aceitação sobre a própria sexualidade não é tarefa fácil, mas é necessária.

“I’ve been seeing a therapist which has me taking ownership and losing the shame and guilt of being a bisexual man. I’ve changed my profile and in my daily life I’m making little changes that if you know... you know. This morning a male and a female lifeguard complimented the colors.”

—
TSM Community Member



**KEEP BODY POSITIVE
AND SPEED-OH ON!**



Modelo: Anônimo (autorretrato).



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

